LAMPIÃO

Edição experimental — Número zero

abril, 1978 — Circulação restrita

Homo eroticus
Um ensaio de
DARCY PENTEADO

CELSO CURI

processado. Mas qual é o crime deste rapaz?

Duelo de machões
Nureyev
VS Cássius Clay

Exclusivo
Garcia Lorca
também assume

Uma noite no Cinema Iris

Colaboram neste número: João Silvério Trevisan, Francisco Bittencourt, Iaponi Araújo, Aguinaldo Silva, Gasparino Damata, Clóvis Marques, Adão Acosta, João Antônio Mascarenhas

Saindo do Gueto

Conselho Editorial: Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry.
Coordenador de edição: Aguinaldo Silva
Editores: Darcy Penteado, João Silvério Trevisan, Francisco Bittencourt, Clóvis Marques, Adão Acosta, João Antônio Mascarenhas e Gasparino Damata.
Colaboradores: Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Iapohi Araújo, Billy Acioll-y, Luís Canabrava (Rio); José Pires Barrozo Filho, Paulo Augusto (Niterói), Amylton Almeida (Vitória); Glauco Matoso (São Paulo); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Caio Fernando Abreu (Porto Alegre).
Arte: Ivan Joaquim, Mem de Sá
LAMPIÃO é uma publicação de Lampião, Editora de Livros, Revistas e Jornais.
Endereço: Caixa Postal 41031, ZC-09 (Santa Teresa), Rio de Janeiro — RJ.

Brasil, março de 1978. Ventos favoráveis sopram no rumo de uma certa liberalização do quadro nacional: em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistia, uma investigação das alternativas propostas faz até com que se fareje uma "abertura" do discurso brasileiro. Mas um jornal homossexual, para quê?

A resposta mais fácil é aquela que nos mostrará empunhando uma bandeira exótica ou "compreensível", cavando mais fundo as muralhas do gueto, endossando — ao "assumir" — a posição isolada que a Grande Consciência Homossexual reservou aos que não rezam pela sua cartilha, e que convém à sua perpetuação e ao seu funcionamento.

Nossa resposta, no entanto, é esta: é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanes e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter.

Para acabar com essa imagem-padrão, LAMPIÃO não pretende soluçar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz.

A essa minoria, não interessam posições como as dos que, aderindo ao sistema — do qual se tornam apenas "bobos da corte" —, declaram-se por ledo engano, livres de toda discriminação e com acesso a amplas oportunidades; o que LAMPIÃO reivindica em nome dessa minoria é não apenas **se assumir** e **ser aceito** — o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal.

Para isso, estaremos mensalmente em todas as bancas do País, falando da atualidade e procurando esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana. Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados — dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias.

Falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta: a vida de (possivelmente) milhões de pessoas.

Mostrando que o homossexual recusa para si e para as demais minorias a pecha de casta, acima ou abaixo das camadas sociais; que ele não quer viver em guetos, nem erguer bandeiras que o estigmatizem; que ele não é um eleito nem um maldito; e que sua preferência sexual deve ser vista dentro do contexto psicossocial da humanidade como um dos muitos traços que um caráter pode ter, LAMPIÃO deixa bem claro o que vai orientar a sua luta: nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor — que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos.

O Conselho Editorial

Senhores do Conselho

A idéia de publicar um jornal que, dentro da chamada imprensa alternativa, desse ênfase aos assuntos que esta considera "não prioritários", surgiu em novembro do ano passado, e provocou uma série de reuniões; na principal delas, realizada em São Paulo, onze pessoas assumiram o que a mesma imprensa alternativa chamaria de "compromisso histórico": estava criado LAMPIÃO, e ficou decidido que os onze criadores formariam um Conselho, encarregado de traçar a linha editorial dessa publicação. O mesmo Conselho selecionará no futuro — de acordo com a viabilidade do projeto agora posto em prática —, sempre seguindo a linha adotada pelo jornal, os livros que a editora criada para editar LAMPIÃO publicará.

É este o Conselho Editorial de LAMPIÃO:

Adão Costa — Jornalista, exterapeuta ocupacional, pintor, exercendo esporadicamente as funções de tradutor (inglês-português).

Aguinaldo Silva — Jornalista especializado em assuntos policiais, escritor (tem dez livros publicados), tem uma longa experiência na imprensa alternativa: colaborou com **Opinião** desde os primeiros números, e é um dos fundadores de **Movimento**.

Antônio Chrysóstomo — Jornalista, especializado em música popular, escreveu, produziu e dirigiu vários **shows**. É um dos mais polêmicos críticos musicais do pais.

Clóvis Marques — Jornalista e tradutor, faz crítica e cinema. Subeditor do **Guia de Filmes** publicado pela Embrafilme, é correspondente, no Brasil, de Film Dope, de Londres.

Darcy Penteado — Artista plástico e escritor. Uma das figuras mais importantes do **front** cultural pauta, foi o primeiro intelectual brasileiro a defraudar publicamente a bandeira de luta contra a discriminação e o preconceito em relação aos homossexuais. Seu primeiro livro, **A Meta**, com histórias que abordavam esse tema, foi um dos maiores sucessos editoriais do ano passado.

Francisco Bittencourt — Poeta, crítico de arte e jornalista, publicou dois livros de poemas. É membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (seção do Brasil), e colabora como crítico em vários jornais.

Gasparino Damata — Jornalista e escritor, com passagens pela diplomacia. Organizou duas antologias — **Histórias do Amor Maldito** e **Poemas do Amor Maldito** — que tinham o homossexualismo como tema.

JEAN-.claude Bernardet — Crítico de cinema, um dos teóricos do Cinema Novo, possui também uma longa experiência na imprensa alternativa. Um dos colaboradores mais ativos do **Opinião**, é um dos fundadores de **Movimento**.

João Antônio Mascarenhas — Advogado, jornalista e tradutor, abandonou a **burocratice** dos Ministérios da Educação e da Agricultura para formar a cadeia de "gente boa" que resultou na idéia de se publicar LAMPIÃO.

João Silvério Trevisan — Cineasta e escritor, é autor de um dos livros de contos mais elogiados do ano passado — **Testamento de Jônatas deixado a Davi**. Está escrevendo um romance destinado ao público juvenil, fruto de suas andanças pela América Latina.

Peter Fry — Nasceu em Liverpool, Inglaterra, e formou-se em Cambridge. Após um período como antropólogo na Rodésia, voltou à Inglaterra, onde fez doutorado na Universidade de Londres, que o contratou depois como professor. Em 1970 veio para o Brasil, contratado pela Universidade de Campinas, onde está até hoje. Tem pesquisado sobre as religiões afro-brasileiras e pretende escrever sobre a sexualidade no Brasil.

"Eu criei a arte erótico-homossexual no Brasil"

darcy penteado.

Apesar da mentalidade modernosa atual, é difícil assegurar que o sexo não continue sendo um tabu entre nós. Particularizando, o que se pode dizer então do homossexualismo, sobre o qual pesa desinformação total e muito preconceito?

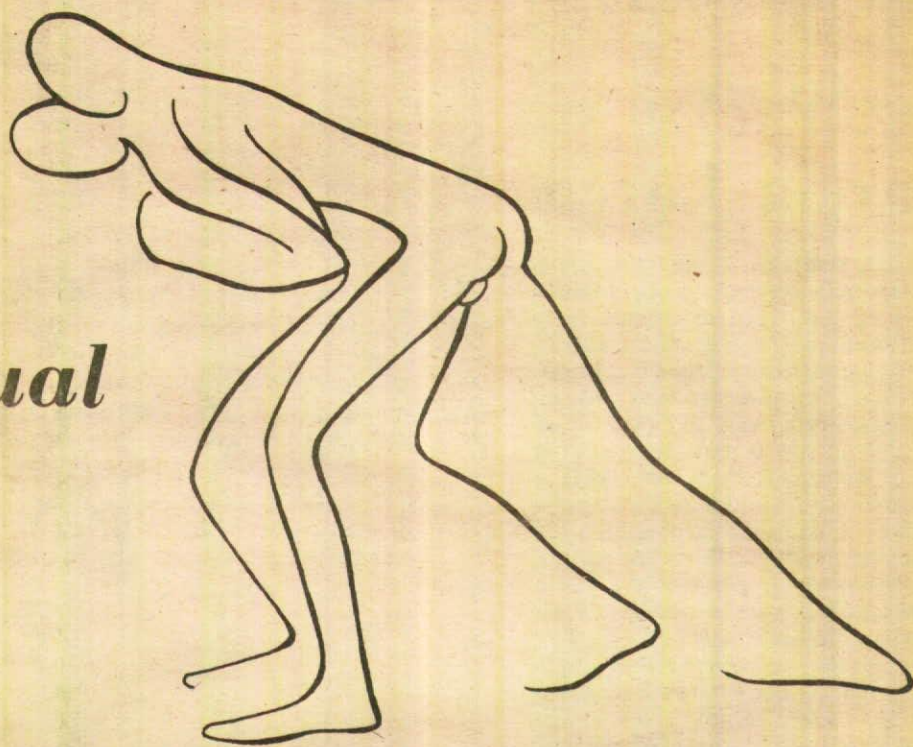
O brasileiro tem do homossexual uma idéia primária calcada no "folclore" que circula pelas ruas e que é absolutamente negativa como *uma variação da sexualidade* nos seus termos convencionais e não uma deformação dela, como se acreditava antes. No terreno da criação intelectual e artística, a carência de informações ao público, que afinal é o consumidor, e a delimitação moral imposta pela sociedade, constrangeram o artista a evitar o tema ou a abordá-lo timidamente, na maioria das vezes resguardando-se isto é, dando a impressão de ser ele um mero observador pelo lado de fora.

Parece-me ousadia querer então falar de uma *cultura homossexual brasileira*, uma vez que estamos apenas engatinhando e além do mais sobrecarregados de preconceitos — razão porque ela teve e continua tendo existência "underground". Para se chegar à luz de uma possível "normalidade", carecemos da conscientização do meio sobre o que seja a verdadeira homossexualidade e, principalmente, da auto-conscientização dos artistas criadores.

Terá existido uma arte pictórica erótico-homossexual entre nós, mesmo em caráter tímido e precário? Dei uma pesquisada no meu arquivo de artes plásticas, constatando a maior das pobrezas nesse sentido. Os nossos acadêmicos Zeferino da Costa, Oscar Pereira da Silva, Almeida Júnior e Bernardelli pintaram belíssimos nus femininos ("A pompeana", "Escrava Romana", "Descanso do modelo", "Messalina", entre outras obras), mas foram refratários ao nu masculino. E antes que alguém mais exacerbado levante a objeção, eu mesmo a faço: "E por que haveriam de pintá-lo quando a tendência da época, (apesar das remotas e distantes emanações Wildeanas que poderiam vir da Europa e das "pegações" de Bilac na Rua do Ouvidor...) eram para a exclusiva apologia do corpo feminino? Além disso, acrescente-se que pouco ou nada se sabe, nem houve mesmo, creio, interesse em saber, sobre as preferências sexuais dos referidos artistas.

Já não estou então, na tentativa de encontrar intenções homossexuais na nossa pintura, apenas pretendendo localizar o que poderia ser chamado de *apelo ao erotismo homossexual*. Passo então aos nossos pintores indianistas (quem sabe?) mas os silvícolas das telas históricas brasileiras parecem estar sempre preparados para cantar (em italiano), "O Guarani", de Carlos Gomes!... Alguns usam até peles de leopardo, imaginem. Única exceção é "O Último Tamoio", de Rodolfo Amoedo. Não que o índio da tela seja menos europeizado que os outros ou exista nessa figura uma intenção erótica a priori — mas não se pode negar que ela está lá, com ou sem intenção do pintor.

Neste retrospecto paupérrimo, aparecem ainda dois nus masculinos de Eliseu Visconti, denominados "Academia" e "Nu", obras de bastante significação; e um "auto-retrato", da juventude do artista, um torso nu com cabeça de traços vigorosos e olhos claros, que tem boas chances de provocar devaneios em homossexuais imaginosos.

Mas... o que é afinal o erotismo? Qual o limite entre este e a pornografia? Muito já se disse ou se fez, sendo que cada época o adaptou ao seu gosto. Uma amiga em cuja sensibilidade não ponho dúvidas, diz que erotismo é, por exemplo, uma mulher coberta de véus, apenas com uma ponta de pé à mostra — bem mais erótica que outra que exponha o corpo sem mistérios. A definição de erotismo depende então do grau de sensibilidade de quem vê, mais que daquilo que é visto. Transpondo, pode-se dizer também que o conceito de imoralidade está na cabeça de quem vê, não no que é visto.

Ainda sobre o nu masculino: bastante conhecida nos meios paulistas de arte, é uma figura nua pintada no medalhão central da platéia do Teatro Municipal, cujo modelo foi o então jovem na época filho do artista e também pintor, Paulo Rossi Osir, artista plástico, que participou do Spam, movimento post-modernista brasileiro. Porém, é a Anita Malfatti que cabe a glória de haver criado os nus masculinos mais corajosos da nossa pintura. O "Retrato de Sangirardi nu" por exemplo, nada deixa para ser imaginado. Tudo está ali, de corpo presente, para espanto do público quando a tela foi exposta pela primeira vez. Também excelentes e corajosos são os seus desenhos anteriores da fase alemã (1911 a 1915).

Não me consta que exista nada depois de Anita Malfatti e antes dos meus primeiros desenhos erótico-homossexuais, que datam de 1948-49. E não tenho dúvidas: "inaugurei" o gênero no Brasil. Em agosto de 1949 (Instituto dos Arquitetos, S. Paulo), expus oito pequenos trabalhos da série que Reynaldo Bairão batizou de "Adolescentes possuídos em Deus". O escândalo foi grande, tanto assim que apesar da opinião elogiosa de Sérgio Milliet, a crítica em questão deixou de ser publicada no "Estado de S. Paulo" porque algum guardião da boa moral telefonou ao jornal reclamando sobre o caráter indecoroso da mostra.

Eu poderia dividir a glória (glória?) da pesquisa nesse setor com Carlos Bastos que na mesma época, isto é, em 1949 decorou em Salvador o bar "Anjo Azul", considerado por Satre o primeiro bar existencialista da América do Sul, sem no entanto fazer considerações sobre o caráter homossexual dos painéis — caráter esse que o próprio pintor não considera tão definido como nos seus desenhos posteriores, em número de 50, aproximadamente, e que foram adquiridos pelo industrial Curt Weill, dos Rio de Janeiro. Com a morte de Curt Weill há alguns anos atrás, esse acervo, apesar da sua importância, tomou paradeiro ignorado.

Para completar esta reduzida bibliografia sobre uma possível arte erótico-homossexual brasileira, eu citaria as obras de um outro baiano, o excelente desenhista Luís Jasmim. Aconteceu com Jasmim o que quase sempre acontece quando uma temática é imposta ou auto-imposta os seus desenhos intencionalmente homossexuais, com cenas de sexo coletivo, por exemplo, (conheço dois deles), são fracos porque a qualidade do desenho perde para a objetividade da motivação. Porém ele se reabilita de forma sublime em outros trabalhos (que talvez ele nem classifique como erótico- homossexuais), inspirados em cerâmicas gregas, onde guerreiros com as partes sexuais frequentemente à mostra, repousam da batalha entre elmos e couraças.

É possível que atualmente a arte pictórica erótico homossexual esteja mais difundida entre nós, com maior número de pesquisadores, mas como ainda bem pouco se divulga ou se expõe, pouco ou nada se conhece. Quanto a mim, só voltei a pintar nus, particularmente nus masculinos, depois de 1971. Um deles era um Adão à maneira de Dürer e meu modelo foi o ator Marcelo Picchi. Essa tela, como as outras da série, não era intencionalmente erótica. Era apenas a imagem-suporte que, por meio de plásticos transparentes, o espectador vestia ou espia.

Em 1973 tentei com bom resultado uma volta ao erotismo homossexual que eu deixara lá atrás, em 1949. Influenciado pelo pintor austríaco Gustav Klint e pelas alegorias "art-noveau" de Mucha, pintei quatro "sentimentos essenciais", série que deveria ter sido ampliada, mas que até hoje só ficou nessas quatro telas. Intencionalmente copiei composições e efeitos plásticos desses dois artistas, mantendo inclusive as posturas. As figuras, porém foram mudadas, de femininas para masculinas.

Nesse mesmo ano, na XIII Bienal de São Paulo apresentei uma proposta de arte em forma de audiovisual. Só indiretamente era homossexual: havia duas cenas no gênero, entre doze realizadas com pessoas de sexos opostos. A "Proposta de Amor", assim se chamava, fazia a apologia do amor e desmistificava o tabu da nudez. Mostrei pessoas bonitas, despidas e em posturas de estatuária, provando assim que a nudez é bela e deve ser contemplada sem preconceitos ou falsos moralismos. Os meus modelos, fotografados por Thomas Scheier (com ele próprio, a esposa e a filhinha de três anos também posando despidos), transformaram-se em réplicas de estátuas gregas, o que foi apreciado por mais de cinco mil pessoas que durante os dois meses da bienal lotaram o auditório. Muitas dessas pessoas deixaram por escrito as suas opiniões: "assistimos e voltamos trazendo os nossos filhos"; "Uma imagem de beleza, isenta de malícia"; "Nunca a nudez foi mostrada de maneira tão limpa e bonita". Havia ainda desenhos ingênuos de corações traspassados por flechas, com dois nomes dentro, etc. Contrariando a ética prevista, o júri internacional nos aplaudiu de pé, no final da projeção e o representante da Bélgica, que sentara-se ao meu lado, enxugou as lágrimas. Pieguismo talvez mas que conta, principalmente quando parte de um crítico de arte, que por princípio deve ser severo e frio. Nesse momento tive certeza de que o prêmio para audiovisuais seria meu! Porém... entraram as objeções dos elementos locais do júri de que, por exemplo, a boa arte não deve apelar para os sentimentos, etc, etc. A opinião do próprio presidente da Bienal, pessoa fora de dúvida quanto à sua importância para as nossas artes plásticas, mas que em relação a conceitos sexuais (eu creio), morreu fiel aos princípios pequeno-burgueses, também influiu na premiação. Resultado: uma outra proposta em que havia samba mesclado a poluição visual, contrastes urbanos, imagens pseudo-sociais e virtuosismo imagístico — uma composição que, principalmente, não comprometia a moral do sistema, foi a que abocanhou o prêmio.

É um fato curioso nos ambientes de arte de vanguarda, nas Bienais por exemplo, onde a mentalidade deveria ser bastante eclética, como a posição vivencial e humana dos que julgam é estreita. Os críticos e os intelectuais da arte freqüentemente deixam claras suas aberturas ou suas atitudes políticas, mesmo contrariando o sistema vigente, mas se apavoram quando a sua opinião deve se estender a uma defição mais intimista, como a sexual.

Quantas pessoas, não se propõem atitudes políticas para compensar ou justificar frustrações pessoais? A meu ver, o essencial para a boa coexistência com os demais, é a harmonia do indivíduo consigo mesmo.

Finalizando: conservo com avareza boa parte do acervo erótico-homossexual de minha autoria. As telas dos "sentimentos essenciais" ou o "Adão" em plástico, só sairão das minhas mãos para algum museu ou colecionador especializados (existirão, algum dia?). Quanto aos desenhos da série "Adolescentes possuídos em Deus", devo ter presenteado um ou dois em 1949 a artistas, meus companheiros de geração. Duas réplicas com pequenas modificações foram para Winston Leyland, do Gay Sunshine Press, de São Francisco, para publicação na antologia que esse editor está preparando sobre a América do Sul. Tive recentemente que dispor de um da série e o fiz com prazer: conversando com Tônia Carrero sobre arte, ela lembrou em detalhes esses desenhos, que vira na exposição de 1949. Lembrar-se desses meus trabalhos quase trinta anos depois é prova de muito carinho. Nada mais justo então, que um dos "Adolescentes possuídos em Deus" se mudasse para o apartamento da Tonia.

A verdade sobre Garcia Lorca

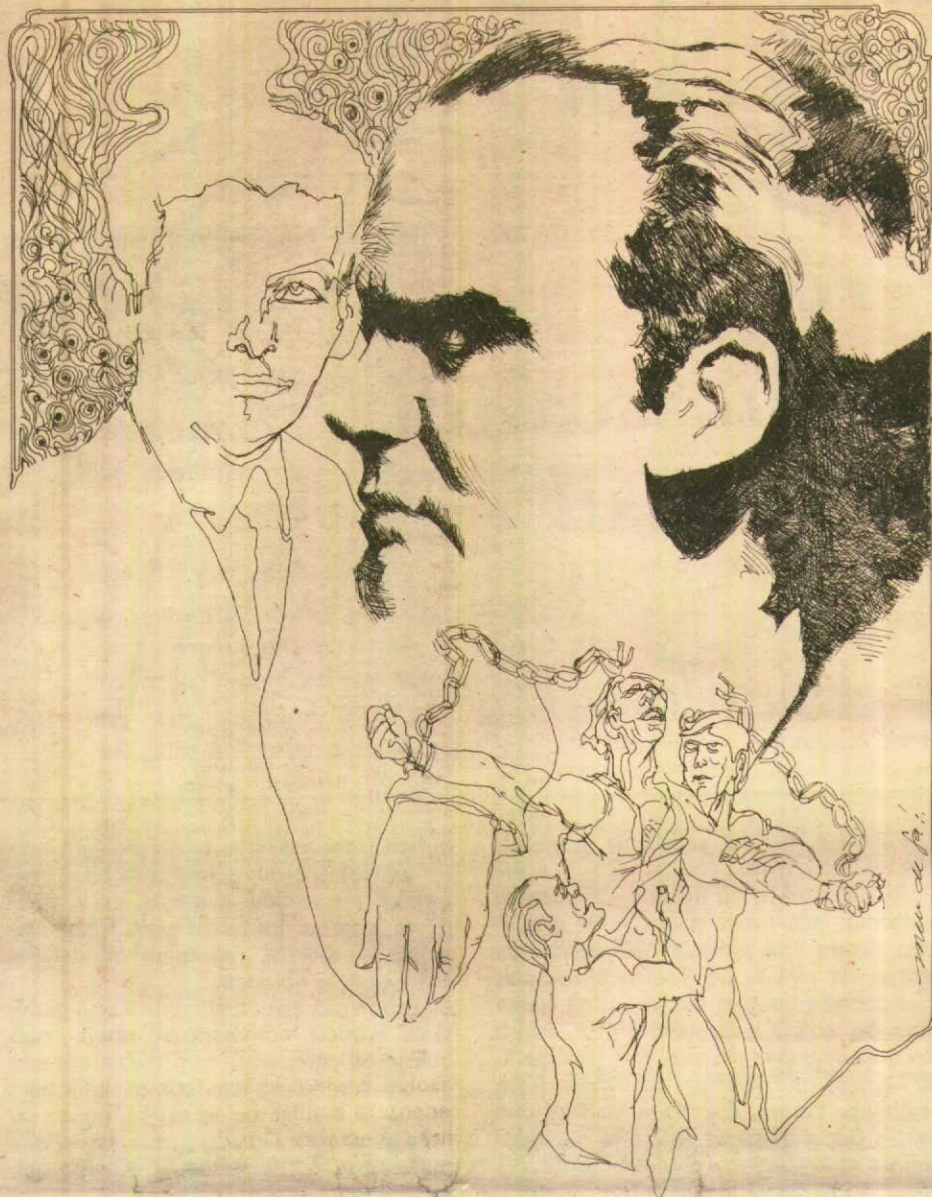
Salvador Dali, com sua cortante precisão, disse certa vez sobre o poeta Frederico Garcia Lorca: "o fuzilamento foi a melhor coisa que lhe poderia ter acontecido". O que ele queria dizer é que Lorca, homossexual, mais cedo ou mais tarde seria repudiado pela esquerda espanhola, se o fuzilamento não o transformasse num mártir da democracia. Segundo a lenda, o sargento comandante dos falangistas que executaram Lorca, quando chegou a sua vez, mandou que ele ficasse de costas, "para morrer como um *maricón.*" Se é verdade ou não, ninguém sabe, mas é evidente que a esquerda espanhola à falta de outro poeta tão representativo, teve que engolir o fato de que Frederico cantava a beleza de — entre outros — Inácio Sanchez Mejia para transformá-lo no seu Poeta.

É verdade que Lorca, apesar do que (também) disse Salvador Dali — "ele era louco por mim", comentou certa vez o pintor —, nunca saiu, em relação à sua sexualidade, da zona de sombra. Tanto que só em 1976 a Universidade inglesa de Oxford publicou sua peça *El Público*, escrita em 1930 e entregue por ele ao seu amigo Rafael Martinez Nadal com uma recomendação: não deveria ser nunca publicada. Morto Frederico, seu irmão Francisco, guardião de sua obra, revelou a mesma preocupação, e *El Público*, uma análise de angústia de um diante da incompreensão da sociedade, permaneceu a sete chaves.

Agora, com a encenação de *El Público* pelo Teatro da Universidade de Porto Rico, sabe-se que Lorca, se a peça tivesse sido lançada à época em que foi escrita, poderia ter perdido o seu lugar como segundo mito da esquerda espanhola — o primeiro é a indefectível *La Passionária* —, mas certamente teria ganho como dramaturgo. Nesta peça, tem 40 personagens em cena. A maioria dos protagonistas são homens que desempenham papéis femininos, "um avanço de muitos anos do engenho inventivo lorquiano sobre o teatro do absurdo dos anos cinquenta". Victoria Espinosa, diretora do espetáculo de Porto Rico, define a peça:

— Lorca defende em *El Público* o amor em todas as suas acepções, o amor entre um homem e uma mulher, o amor homossexual, o amor franciscano entre um ser aniquilado e um inanimado como uma rosa.

O contraste entre essa peça e as outras do autor consiste no fato de que, ao contrário de *Bodas de Sangue, Yerma, A Casa de Bernarda Alba*, não é sobre mulheres que ele fala, mas é sobre os homens, dessa vez, que se abate a metáfora lorquiana da frustração. O personagem principal é um diretor de teatro que se desdobra em vários personagens e que procura uma obra para satisfazer o público que deseja a mentira, mas ao qual a vida será mostrada nua. E existe aqui outro detalhe no qual Lorca também se adiantou 30 anos em relação ao seu tempo: há algumas cenas de nus.

É uma pena que só agora *El Público* chegue ao conhecimento do público. Ela permitirá que se discuta, num nível mais aberto — já que é ele próprio quem fala —, o problema da sexualidade de Lorca, tantas vezes reprimida, inclusive por ele próprio. (A.S.)

O nosso prazer é melhor?

Para começo de conversa, em se tratando de orgasmo, é preciso por as coisas no lugar: as pessoas devem ser informadas, primeiro, de que o homossexualismo, na verdade, é uma disposição *emocional* (atenção: não é uma perversão, nem uma doença, isso já ficou estabelecido pelos especialistas) que leva ao contato próximo e íntimo entre pessoas do mesmo sexo, contato esse que pode ou não ser expresso sexualmente. Portanto, a idéia de que os homossexuais só pensam em sexo deve ser de saída afastada, e isso nos levará imediatamente a um conceito muito mais amplo do que seja homossexualismo: ele abrange, inclusive, algumas formas bastante viris de amizade masculina.

Dito o que, é bom lembrar que o orgasmo homossexual está diretamente relacionado com o orgasmo do sexo a que o homossexual pertence, já que só existem dois sexos, e o homossexual obrigatoriamente pertence a um deles, quando é homem, ou quando é mulher. E então se pergunta: o que se sabe sobre o orgasmo masculino? Para a maioria das pessoas, e principalmente para o bem-estar e a tranqüilidade da sociedade machista em que vivemos ele é uma coisa que começa e termina na ejaculação, e é o momento culminante de um ataque (o pênis é uma arma) cujo único objetivo é a vitória, ou seja, o gozo e a conseqüente humilhação daquela que se deixa possuir, a dominada, a mulher. E está? O que se sabe sobre o seu gozo? Até hoje não se chegou a uma conclusão sobre a forma através da qual a mulher chega ao orgasmo. Tanto se disse que um dos elementos essenciais de sua natureza é o recato, que à mulher não coube outra saída senão estabelecer em torno de si uma zona de sombra em cujo ponto mais obscuro está a sua forma de prazer.

E como ficam os homossexuais de ambos os sexos, se a cociedade machista, nesse sistema todo, também lhes impõe um lugar? A eles cabe, ainda que grosseiramente, parodiar o sistema, participar de uma farsa grotesca cujo objetivo maior é barrar o caminho que os levaria à liberdade de individual: sobre o orgasmo eles sabem apenas os dogmas que a sociedade machista impôs, ou seja eles aprendem desde cedo — como a mulher que o sexo é uma batalha da qual forçosamente sairão derrotados. O que pode salvá-los, talvez, é o fato de que seu mundo emotivo tem uma intensidade especialmente grande, e por vários motivos. Um deles: a constatação de que eles são uns excluídos e, segundo critérios superados mas ainda válidos, uns párias.

Chega-se assim a uma conclusão: como caricatura da caricatura do que seria um ser humano, o homossexual goza mal; o mesmo ocorre com os machões, que renegam todo o longo caminho que leva ao detalhe da ejaculação; e pior ainda com a mulher, cuja sexualidade foi sempre observada a partir de um ponto de vista estritamente masculino (Charlotte Wolff, da Associação Britânica de Psicologia: "A mulher, tal como hoje a conhecemos, é essencialmente um artifício, a não ser nas regiões onde a civilização mal ro ou a superfície da vida. O senso de propriedade, que atinge o auge no capitalismo, amoldou o aspecto e o comportamento feminino no mundo ocidental").

A moral da história é que todos nós estamos muito longe do orgasmo redentor. Uma senda para se chegar até lá? Talvez seja o fato de que a única maneira de obter a igualdade e o progresso nos relacionamentos humanos é através da expressão franca da natureza bissexual de todo homem e mulher. O erro do homem foi que até hoje ele não levou em conta que essa deveria ser, obrigatoriamente, a base de toda e qualquer revolução. (A.S.)

Receita para ter um filho

Há alguns anos o médico inglês David Sappher vinha se dedicando a uma interessante ocupação: coletar, mediante o pagamento de seis libras — o equivalente a Cr$ 190 — o esperma de jovens estudantes. Havia sempre jovens dispostos a ganhar dinheiro de maneira tão sumária — o dr. Sappher lhes oferecia meios destinados a facilitar a coleta, como revistas eróticas etc., — mas não se pense outra coisa do médico: seu interesse era puramente comercial. O sêmen coletado era vendido depois, ao preço de Cr$ 720, a mulheres homossexuais interessadas em ter filhos por inseminação artificial.

O negócio do dr. Sappher foi descoberto há pouco por duas lésbicas repórteres do Evening News — elas se fizeram passar por lésbicas e se disseram interessadas em ter um filho — e resultou em verdadeiro escândalo na Inglaterra. A repercussão no Parlamento inglês, por exemplo, chegou ao ponto de uma deputada, Jill Knight, do Partido Conservador, pedir uma punição para o médico, sob o argumento de que "uma criança necessita, acima de tudo, do ambiente normal e natural de uma família." É verdade que as mulheres homossexuais não ficaram caladas ante a reação da deputada. Jackie Foster, principal dirigente da Sappho, a entidade das lésbicas britânicas, lembrou que "mulheres são mulheres" e, quanto aos filhos nascidos a partir da intervenção do dr. Sappher, ela negou que sofram problemas decorrentes da falta de um pai.

O aprofundamento da discussão revelou que as homossexuais não estão sós nessa batalha. A Associação Médica britânica e o Departamento de Saúde, numa declaração conjunta, e sem citar especificamente este caso, referiram-se de modo diferente à legalidade da inseminação artificial em situações como essa, deixando a decisão "a critério do médico e da paciente envolvida". E houve até quem assumisse em relação ao assunto, uma posição bem mais avançada que a do subitamente notório dr. Sappher. Foi o caso da feminista Germaine Greer, que propôs o controle estatal do espermatozóide: "trata-se de um recurso natural de incomensurável valor, desgraçadamente mal empregado", ela argumentou.

Menos ambiciosas, as homossexuais inglesas preferem continuar utilizando os recursos da iniciativa privada — no caso representada pelo dr. Sappher — e através da Sappho, reivindicam o direito de decidir elas próprias sobre a questão, sem que esta se torne, obrigatoriamente, um assunto escandaloso.

Qual é a da nossa imprensa?

(Primeira pessoa a tentar impor um novo conceito à chamada "imprensa homossexual" — até aqui limitada a um *pastiche* do colunismo social exercido na grande imprensa *(grande* apenas no sentido de economicamente poderosa), Frederico Jorge Dantas encontrou barreiras praticamente intransponíveis, quase todas erguidas pelas pessoas a quem ele dirigia o seu boletim, *Eros*. Uma análise dessa experiência é feita para LAMPIÃO por ele próprio no artigo abaixo)

A tentativa exercida pelo chamado jornalismo *underground* homossexual, no sentido de informar aos nossos irmãos sobre necessidades primárias, que vão desde o modo de encararmos o problema até onde e como devemos nos impor, deixa de ser um trabalho de aproximação para acabar se tornando, na sua maior parte, num conflito onde pequenos grupos criticam, rejeitam e combatem o aparecimento de novas idéias, de mentalidades estruturadas numa nova filosofia de vida.

Eu comecei fazendo pesquisas sobre o comportamento sexual e tenho procurado abrir espaços destinados a pessoas que se irmanem no sentido de formar uma pequena escola, visando com isto à formação de um grupo consciente e interessado no que mais tarde poderá vir a ser o Movimento de Libertação Homossexual. Distribuo os "cadernos" dentro de um padrão ainda informal, continuando de acordo com as reações sentidas nas pessoas. E procuro apoio naqueles que defendem a tese de que o homossexual tem necessidades de se desenvolver dentro de uma realidade contrária a esta, estabelecida e estruturada, onde o machismo é aceito e cultivado da maneira mais primária possível.

Reconheço ser a *bicha* atual um estágio necessário para se atingir um tipo ideal de homossexual conscientizado de sua verdadeira realidade sexual. Escrever o que se conseguiu aprender é o correspondente para o esboço de um futuro melhor, onde possamos reagir com racionalidade e coesão às repressões sociais que nos são impostas pelo grupo majoritário onde o machista credenciado desrespeita a própria regra das liberdades individuais. Esta talvez seja uma das razões que causam polêmica diante daqueles que insistem em ostentar uma condição pioneira dentro deste tipo de trabalho desenvolvido. Em verdade, ainda está para ser iniciado o jornalismo homossexual, já que tudo o que tem sido feito até o momento é o que poderia ser chamado de "colunismo social", reflexo exato da corrupção moral em que se encontra envolvida a homossexualidade, vítima desta discriminação esmagadora, e que continua sendo imposta pelo estilo machista.

Tentar esclarecer sobre a necessidade existente nos homossexuais desta nova geração, de buscarem um modelo de identidade a ser aceito pela sociedade, juntando a isto a demonstração de engodo existente na atualidade, onde as "deslumbradas" (versão incorreta das Preciosas Ridículas do reinado de Luís XV) insistem em defender a teoria ainda aplicável de que o homossexual deve se impor pelo campo financeiro, convivendo no entanto dentro dos preconceitos machistas, é uma das coisas que pretendo, embora isto acabe transformando a coisa em estado de guerra.

O lançamento do *Entender* provocou um sério colapso na estrutura daqueles "cadernos" onde a pauta central é o "colunismo social", ao mesmo tempo que gerou um estado de esperança nos que cogitam a realidade de uma homossexualidade despida do fetichismo sexual que ainda é a razão da nossa existência para os menos esclarecidos.

Mas a necessidade de irmandade e de auxílio mútuo, elementos básicos para a sobrevivência e o desenvolvimento de um trabalho, parece não existir nisso tudo. O estilo de crítica usado em determinadas *colunas* deixa bem claro a condição do verdadeiro estado de espírito da maioria dos homossexuais. No final muitos circulam com publicações desse tipo, não que estejam com elas identificados, mas pelo simples fato de curtirem a "onda". O homossexual hoje transformou-se num mercado de exploração bastante rentável, e o pior é que isto está prejudicando bastante o despertar desta consciência que eu procuro desenvolver para os 150 leitores de *Eros*. O que mantém vivo o interesse desses leitores de *Eros* é justamente a diferença de estilo, a tomada de posição que procuro desenvolver dentro dos meus limites. No entanto, todo este trabalho tem apenas o sentido de início, e irá se dissolvendo à medida em que os jornais impressos forem tomando o público e se impondo pela facilidade de venda e distribuição.

Dolorosos processos de autocondenação destroem centenas de homófilos incapazes de enquadrar-se dentro de uma definição social estável. Esta insegurança acaba originando comportamentos agressivos e em alguns casos, contrário ao bem estar social do nosso próprio grupo. E são problemas dessa natureza que devem ser estudados e desenvolvidos no contexto do que poderemos chamar futuramente "jornalismo homossexual". (F.J.D.)

Com o tímido apoio da Anistia

"O Conselho Internacional, considerando que certos governos prendem por orientação ou comportamento sexual pessoas maiores de idade (consenting adults), afirma que a Anistia Internacional considera prisioneiros de consciência as pessoas detidas ou encarceradas por causa da orientação ou comportamento sexual, desde que não tenham infringido os direitos humanos de outras pessoas e solicita que o Comitê Executivo Internacional informe o Conselho Internacional de 1978 sobre as possíveis maneiras de ajudar esta categoria de prisioneiros de consciência."

A resolução, adotada pelo Conselho Internacional da Anistia Internacional em 1977, por proposta da Seção Francesa à reunião de Bad-Hannof, perto de Bonn, foi recebida na Europa com menos otimismo que talvez se pudesse esperar. É que — no ano em que foi agraciada com Prêmio Nobel da Paz, é bom lembrar — a Anistia atacou a questão com boa dose de cautela. Uma cautela de que sempre se cerca diante do emaranhado de dificuldades que enfrenta para poder atuar dentro deste ou daquele país, em favor de presos que vêem desrespeitados seus direitos humanos.

No caso dos homossexuais (detidos, por exemplo, por atentado aos bons costumes, segundo um dos eufemismos da lei brasileira), não se pode esperar para breve um socorro mais concreto da organização. Ela teme, sobretudo, enredar-se na indefinição de costumes e leis sobre a questão, tomar iniciativa que, não contando com um respaldo concreto, venha até a piorar a situação de seus "adotados" (é este o termo empregado pela própria Anistia para se referir às vítimas de encarceramento injusto de que cuida).

De qualquer forma, um passo foi dado. Segundo David Simpson, chefe da Seção Britânica da AI, o que a organização analisa agora não é se deve ou não atuar em favor de pessoas presas por sua orientação sexual, mas se pode ou não. Diversas formas de abordar o problema terão de ser estudadas com a orientação de diferentes organizações e pessoas interessadas.

Pergunta-se, naturalmente, o que poderia ser feito, neste sentido, no Brasil. A realidade dos homossexuais quase literalmente violentados pela polícia carioca, por exemplo, em cinemas e becos da cidade, é muito mais prosaica que a de um Sergei Paradjanov, o cineasta russo (Os Cavalos de Fogo) condenado a sete anos de prisão por homossexualismo, incitação ao suicídio e tráfico de ícones (sic!). Duvido que um dia sopre pela Praça Tiradentes a brisa de boa vontade da AI: seus adotados nesta "categoria" serão sem dúvida de mais prestigiosa condição política. Além disso, terão provavelmente de estar sob processo ou conseguir de alguma forma (detenção prolongada sem culpa formada, maltratos sérios, etc.) chamar a atenção para sua situação. O que não será o caso de tantas pessoas detidas e humilhadas por uma noite, a forma de "castigo" mais difundida e difícil de combater, porque para todos os feitos não existe.

Mas seja como for, e por enquanto, a resolução anunciada já abre um belo precedente, e poderá afinal encaminhar a medidas concretas. (C.M.)

Lembrando o triângulo rosa

Aos poucos, começa a vir à tona a verdade sobre o sofrimento dos homossexuais na Alemanha nazista e sob o fascismo em geral. Não é preciso dizer que foi só depois do advento dos movimentos gays desta década que o mundo pode começar a tomar conhecimento desse (mais um) crime contra a humanidade cometido pelo regime hitlerista e por Mussolini, porque antes, tratou-se habilmente de ocultar tais fatos "vergonhosos" para se dar destaque apenas ao genocídio dos judeus. E no entanto, desde o fim da II Guerra Mundial e mesmo antes, as potências vencedoras já sabiam que pelo menos 125 mil homossexuais tinham morrido nos campos de concentração nazistas. A quem poderia interessar a escamoteação de um dado tão horripilante? Só Freud explica.

Quando Ira Glasser publicou em 10 de setembro de 1975 um artigo na op-ed (página editorial) do "New York Times", informando sobre o assassinato de aproximadamente 125 mil homossexuais nos campos de holocausto nazistas, ao mesmo tempo que pedia uma legislação específica sobre os direitos dos gays da cidade de Nova York, o crime saiu dos arcanos da História e começou a ser discutido nos círculos liberais norte-americanos e da Europa. Com o lançamento em 1977 do filme italiano "Um Dia Especial" (quando Marcello Mastroiani, no qual o personagem é preso pela polícia do regime fascista de Mussolini por ser homossexual, o grande público passou a conhecer detalhes, ainda que através de um discurso artístico (que segundo a crítica é de primeira qualidade), do que era a opressão naqueles tempos não tão remotos.

Para os homossexuais dos movimentos de libertação, porém, esses crimes já eram motivo de estudos e referência há muito mais tempo. Em Londres, por exemplo, um movimento gay vem lutando desde 1972 para trazer à luz os fatos escandalosos e todos os anos coloca uma coroa de flores com o formato do triângulo rosa (o "distintivo" que os homossexuais tinham de usar nos campos de concentração, como os judeus eram obrigados a exibir uma Estrela de Davi amarela) no monumento às vítimas do nazismo.

No ano passado, essas homenagens ganharam ímpeto incomum em toda a Inglaterra no dia 13 de novembro, o Dia da Lembrança, em que os Aliados lembram os mortos do terror nazista. Não só em Londres, mas também em Bristol, Norwich e outras cidades os ativistas gays organizaram procissões até os monumentos aos mortos de guerra para depositar ali suas coroas na forma do triângulo rosa. E em Nova York, os membros da Aliança dos Ativistas Homossexuais distribuíram nesse dia folhetos aos espectadores do filme "Um Dia Especial" com a reprodução do artigo de Ira Glasser, "A Estrela Amarela e o Triângulo Rosa".

Em toda parte houve reação, o que prova que o mundo não mudou muito desde os idos do nazismo. Em Londres, um policial tentou proibir os homossexuais de colocar sua coroa no monumento. Segundo uma publicação homossexual inglesa o policial disse ser aquela uma ocasião solene, em que as outras pessoas iriam se sentir ofendidas com os dizeres da coroa: "Gays contra o fascismo". As flores só puderam ser depositadas depois que uma autoridade superior deu permissão. Em Bristol, membros da Legião Britânica quiseram retirar a coroa dos homossexuais e em Norwich houve cartas de protesto contra a homenagem no jornal local e ameaças telefônicas anônimas aos promotores do evento que permitiram a presença dos gays.

Como podemos ver, a velha Albion continua quase a mesma. Aliás, a pergunta a ser colocada é: viveremos ainda num mundo vitoriano? A nossa esperança até agora era que Hitler e Mussolini tivessem sido os últimos. (F.B.)

Mulheres do mundo inteiro...

Tudo começou quando Winston Leyland, da Gay Sunshine Press, esteve no Brasil coletando material para uma antologia de autores homossexuais latino-americanos, a ser publicada este ano sob o patrocínio do Congresso dos Estados Unidos. As mulheres escritoras procuradas por ele reagiram de forma bastante estranha – não só deixaram bem claro que não estavam interessadas em participar da antologia, como algumas até se recusaram a falar com ele.

A ausência de mulheres em LAMPIÃO não é, fique bem explicado, por culpa do seu conselho editorial; convites não faltaram, todos recusados, mas nossas colunas continuam à disposição. Uma das questões que este jornal pretende levantar é a do feminismo e, pelo menos quanto a este tema específico, as mulheres homossexuais não podem se furtar; no caso das mulheres, a discriminação é bem mais complexa, e independe de suas preferências sexuais (A.S.)

REPORTAGEM

Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Cúri?

Colunista mais lido da Última Hora de São Paulo, responsável direto pelo aumento de vendagem do jornal, Celso Curi, o rapaz da "Coluna do Meio", foi demitido em novembro de 1977 sob o pretexto de "contenção de despesas". A demissão, na verdade, era apenas mais uma etapa da campanha contra o jornalista que ousou transformar em assunto diário do jornal um tema até então considerado tabu: o homossexualismo. Por causa disso ele também foi incurso no Art. 17 da Lei de Imprensa — "ofender a moral e os bons costumes" — e, processado, poderá ser condenado a um ano de prisão.

"O Papa diz que é pecado. Os anjos não dizem amém." (Celso Curi)

A 5 de fevereiro de 1976, começou a sair diariamente nas páginas do jornal paulista Última Hora *uma nova coluna de cunho informativo, social e burlesco. O nome, com muito humor, foi emprestado da loteria esportiva:* Coluna do Meio. *Seu autor, um jovem jornalista chamado Cel Curi, brincava com personagens de criação própria, contava piadas, noticiava acontecimentos sociais ou não e publicava um Correio Elegante. Uma particularidade, entretanto, tornava a Coluna um fato inusitado na história da imprensa brasileira: era dirigida aos homossexuais. De 30 a 40 cartas diárias passaram a chegar à Coluna, vindas de todas as partes do país. Algumas para o Correio Elegante.* "Sou loiro, olhos azuis, 1m70 de altura, 65 quilos, 33 anos, inteligente, culto, desinibido, rico, adoro festas e outros babados. Desejaria corresponder-me com adolescentes morenos, bronzeados, olhos verdes, bonitos, inteligentes (não precisam ser cultos), para simples amizade ou futuro compromisso. Fotos de corpo inteiro na primeira carta. (Dondoca da Zona Sul)." *Outras de solidariedade.* "Queremos expressar nossa imensa satisfação a este prestigioso e pioneiro jornal, pela criação da Coluna do Meio. Era o que faltava. Afinal, não somos marginais nem doentes como muitos querem." *Ou enviavam opiniões várias.* Queremos aproveitar para expressar, através desta coluna nossa profunda admiração pelos homens de fogo (bombeiros) e policiais rodoviários. Como são maravilhosos e dedicados no atendimento ao público. Os primeiros em seus carrões vermelhos, singrando as ruas com suas sirenes gritando furiosas e excitantemente. E os segundos? Nunca vi tanta delicadeza e atenção!" *Às vezes agradeciam.* "Trabalho comercialmente, lido com muitas pessoas, a princípio eles ficam meio sem jeito, mas depois se acostumam, mas nunca dão-me o respeito, o valor e a consideração que quero, todos querem saber se sou homem ou mulher, enfim eu não ligo, mas sinto-me infeliz. Assim eu cheguei até sua Coluna do Meio, a princípio eu não acreditei que fosse verdade, pois nunca pude pensar que a sociedade nos desse um meio de comunicação; li uma vez, duas, dez vezes e agora acho que é uma realidade, por isso eu o estimo muito, mesmo sem conhecê-lo, pois teve a coragem de ser o primeiro, eu penso, em abrir uma porta para nós na sociedade e ainda, pude compreender que não sou sozinha no mundo; o meu mundo tem muitos viventes, lindos, inteligentes, respeitáveis e adorados pela sociedade." Ou eram cartas de admoestação. *"Tome mais cuidado com seus escritos. Você um dia vai ter que prestar contas a alguém."* Ou partiam para a agressão direta. *"Viados escrotos, raça maldita. Vou acabar com vocês. Eu vomito quando penso em vocês."* Além das cartas, havia também os telefonemas. E gente que ia à redação para pedir conselhos — como um adolescente que lá apareceu durante semanas, apaixonado e rejeitado por um homem muito mais velho. A coluna respondia, no mesmo ritmo: *"Essa rubrica é dirigida principalmente ao William, que quer se encontrar com Cláudio, mas que não mandou endereço. Escreva novamente, tá?"* Ou passava acontecimentos sociais. *"Thânia Starr, Miss Mundo das Bonecas, está convidando os interessados para sua grande promoção que irá acontecer no dia 22. Será o primeiro Baile dos Enxutos do Litoral Santista. Thânia (foto) está prometendo 1.000 bonecas na passarela, preparadas para o que der e vier."* Reproduzia uma foto de homossexuais ingleses e traduzia o cartaz: *"Liberdade para os homossexuais — homens e mulheres — para mostrar afeto em público."* Protestava. *"Chega de sensacionalismo! Os crimes passionais, quando acontecem no mundo homossexual, tomam um corpo inacreditável. Logo chamam os protagonistas de anormais. E nunca por causa do crime, e sim por suas atividades sexuais."* Publicava entrevistas: *"Francarlos Reis, o que você acha da prostituição masculina?* F.R. — Eu sou a favor de tudo. Cada um sabe onde aperta seu sapato. Se um quer receber e o outro tem para pagar? Viva a vida! *E quanto à legalização do casamento?* F.R. — Casamento é uma grande besteira. Essa instituição já não funciona entre os heterossexuais, então por que lutar por uma coisa que já está podre? *O que acha desta coluna?* F. R. — Ela é um bom sinal para o Brasil. É sinal de que ainda há esperança." Publicavam-me também as frases do dia, um dos grandes sucessos da Coluna: *"Quem dá aos pobres, empresta a Deus. (Baby Piolin)". "Gracias a la vida que me ha dado tantos. (Morrocha Martinez)". "Antes mal acompanhada do que só (Dodô Darling)". "O homem que diz dou, não dá. Porque quem dá mesmo, não diz. (Vinicius de Moraes)". "Todo leão tem seu dia de angorá (Silvia Pô)".* Celso Curi tornou-se uma celebridade quase da noite para o dia. Nenhuma festa chique acontecia em São Paulo sem que ele fosse convidado. Especialmente tratando-se de festa entendida. *"Na minha coluna, machões não têm vez. Só se forem muitos bonitos. Daí a gente bota lá, só pra ser admirado. Como homem-objeto, entende?"* Até a revista *Mad* (edição em português) entrou na onda. No seu número 22, estampava na última capa a pergunta: *"Qual é a coluna que tem forçado a barra para resolver o problema da superpopulação?"* Dobrando-se a capa em lugares indicados, surgiam dois homens prestes a se beijarem e a resposta, em acróstico: *"A Coluna do Meio".* Como o próprio Celso diz, *foi depois da Coluna do Meio que a imprensa começou a se abrir para falar de homossexualismo, descobrindo que o homossexual também pensa e anda, como qualquer outro ser humano".* A revista Isto É chegou a publicar matéria de capa sobre o "Poder Homossexual": surgia mais um tema para dar ibope. Enquanto isso, o número de leitores da *Última Hora* triplicou, e um admirador de Florianópolis comunicava: *"Basta dizer que ao meio-dia já não existe mais o jornal porque a turma se encarrega de fazer a limpreza nas bancas".* Com altos e baixos, a Coluna prosseguiu por mais de um ano. Até que a partir de novembro de 1977, os personagens Dodô Darling, Izildinha a Sabichona, Baby Portland e Morocha Martinez deixaram de circular. Celso Curi foi despedido da *Última Hora*; segundo consta, o jornal passava por violenta crise financeira e reduziu o pessoa da redação. Coincidentemente, nessa mesma época noticiava-se a segunda audiência de um processo até então quase desconhecido: desde outubro de 1976, o Ministério Público do Estado de São Paulo apresentava denúncia contra o autor da *Coluna do Meio*, como incurso no artigo 17 da Lei número 5.250 (Lei de Imprensa). *"Artigo 17: Ofender a moral e os bons costumes. Pena: detenção de 3(três) meses a 1(um) ano e multa de 1(um) a 20 (vinte) salários-mínimos da região".* Em carta ao diretor-geral da Polícia Federal em Brasília, o superintendente do Departamento Regional de São Paulo acusava a *Coluna* de *"promover a licença de costumes e o homossexualismo especificamente".* E o promotor público designado para o processo comunicava ao Juiz de Direito da 14a Vara Criminal que o denunciado ofendeu, *"de modo contínuo, no período compreendido entre 5 de fevereiro e 18 de maio de 1976, a moral pública e os bons costumes"* na coluna do Meio, *"cujo nome não deixa dúvidas quanto ao assunto tratado, o homossexualismo que é claramente exaltado, defendendo-se abertamente as uniões anormais ~~anormais~~ entre seres do mesmo sexo, chegando inclusive a promovê-las através da seção Correio Elegante.* Alguns textos *da Coluna do Meio* foram selecionados e apresentados pela promotoria como peças de acusação; entre eles: notícias sobre homossexuais da Inglaterra e Estados Unidos; transcrição de uma entrevista do soldado americano Nel B. Thomas, pedindo liberdade de amor para os homossexuais e bissexuais do exército; os termos "herói gay", "enxutos da Baixada", "terrível perseguição". "Cidade Ma-ra-vi-lhooo-sa"; o comentário: *"E na América do Sul, até quando o homossexualismo vai ser considerado pecado por uns, e doença por outros?* "Como peça de acusação, foi apresentada também esta frase que Celso Curi criou e que Millor Fernandes incluiu na lista dos mais importantes acontecimentos internacionais de 1976: "ANORMAL É QUEM COME MACARRÃO COM ARROZ E ACHA SUPIMPA."

Luiz Gonzaga Modesto de Paula, o advogado de Celso Curi, comenta o processo: "Como, no caso, a questão se vinculava ao serviço de Censura Federal, o

Na defesa, palavras do Ministro Baleeiro

Para o ex-Ministro do STF, os juízes, uma reduzida minoria nacional, não devem impor os seus padrões

processo nasceu do expediente de um determinado agente da Polícia Federal que subjetivamente considerou "ofensivos" os artigos publicados, fez o inquérito administrativo e mandou para a Justiça. O processo é fruto, portanto, de uma manifestação isolada e arbitrária, desvinculada da realidade nacional e que não representa a opinião pública. A lei não pode servir de escudo para arbitrariedades policiais, e nem cabe ao agente policial "interpretar" a vontade da lei ou a intenção do legislador. Então, fundamentei a defesa no fato de que os conceitos de *moral* e *bons costumes* são totalmente subjetivos, discutíveis e variáveis no tempo e no espaço. O que era considerado atentatório à moral em 1930, hoje já não é mais. Nem a própria Lei de Imprensa define o que são *bons costumes* e *moral pública*, porque se trata de uma definição impossível, sujeita à interpretação do juiz. Ou seja, não existe um padrão absoluto de moral, nem uma afirmação indiscutível do que seja atentatório aos bons contumes. Inclusive, *esses conceitos variam de região a região, no próprio Brasil. Alguns dos maiores clássicos da literatura mundial, como* O Amante de Lady Chatterley, *de D. H. Lawrence, eram proibidos até há bem pouco tempo atrás. Mudados os parâmetros da consciência social, esses autores passaram a ser mundialmente aplaudidos".* O ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, Aliomar Baleeiro, recentemente falecido, foi citado pela defesa: *"Nós juízes, que já estamos nos tribunais, pertencemos a uma reduzida minoria nacional. Os homens de nossa idade representam cópia da pirâmide de gerações. A grande parte dos homens ativos do País, que estão trabalhando, pensando, etc.*

São criaturas de 25, 30, 40 anos. Eles têm um modo de concepção de vida diferente da nossa. Não lhes podemos impor os nossos padrões. "O advogado Luis Gonzaga conta que o processo em si foi-se modificando, de maneira sintomática: as perguntas que o promotor público fazia às testemunhas passaram automaticamente do problema relacionado com moral e bons costumes para o problema de homossexualidade. *"Então mudei também a defesa. Foi nesse sentido que interroguei o escritor Ignácio de Loyola, uma das testemunhas de defesa e declarado leitor da Coluna. Perguntei se ele achava que uma Coluna que trata especificamente de homossexualismo pode, por si só, provocar "união de seres anormais" — nas palavras de acusação — ou tornar alguém homossexual. Ignácio deu uma resposta interessante: a Coluna visa informar com humor; portanto, assim como as colunas de futebol não transformam os leitores em futebolistas e nem as colunas policiais transformam os leitores em policiais, também* a Coluna do Meio, *ao falar sobre homossexualismo, não tem o condão de transformar os leitores em homossexuais. O mais curioso é que, no momento de ditar, o Juiz repetiu a frase do Ignácio de maniera distorcida: "a Coluna não tem o condão de transformar homem normal em homossexual." Ou seja, o próprio juiz já definiu homossexualidade e normalidade como conceitos divergentes. Em razão disso, eu provavelmente terei que mudar a defesa final, para mostrar que homossexualismo e anomalia sexual não são a mesma coisa. Antes de mais nada, homossexualismo não é citado como crise em nosso Código Penal, muito embora esse Código seja de 1940; não é aí considerado sequer contravenção ou tido como ofensivo à moral. O único motivo possível para atingir penalmente um homossexual é a alegação de que esteja fazendo trotoar, quer dizer, ofendendo a moral pública. No casso das publicações, isso fica reforçado pela Lei de Imprensa. E no entanto, considero que, ao falar do homossexualismo em sua Coluna, o Celso Curi não fez senão uma inovação em nosso jornalismo. Abriu campo para que um tema até então considerado tabu começasse a ser tratado com a mesma naturalidade com que se fala de futebol. Acho que o pecado do Celso foi o de ter sido o primeiro a fazer isso. Além de que se trata também do primeiro processo contra homossexualismo, na história judicial do Brasil. Portanto, a decisão do juiz sobre este caso será algo muito importante, inclusive para o futuro da imprensa brasileira. Se a Coluna for condenada, ter-se-á concluído que a homossexualidade nos jornais brasileiros ofende a moral brasileira. A tendência será, então a apreensão de todas as publicações homossexuais do país. Estará aberto um precedente. É por isso que a Censura Federal está de olho nesse processo".*

Curi-Celso

MARCA REG. DE FANTASIA

Trabalhando atualmente para as revistas *Personal* e *Peteca*, onde escreve noticiário ao estilo da *Coluna do Meio*, Celso Curi espera o final do processo. Fala, sentado em meio às almofadas: *"Por causa do* **Correio Elegante**, *fui visto como cafetina de pessoas que não podem aparecer à luz do dia. Pois é! Homossexual só pode andar atrás de poste, se escondendo..." Conta da reação das pessoas a respeito do processo: "Algumas morrem de medo, me dizem que eu vou em cana, que não gostariam de estar na minha pele. Outras me vêem como um mártir, parece até que vou ser queimado em praça pública."* Reage, quando se alude a uma possível caça às bruxas contra os homossexuais: *"O mais engraçado é que isso não tem condições de acontecer. Tudo é tão ajeitável! Qualquer dono de boate sabe como dar um jeitinho bem brasileiro, e então tudo continua funcionando como antes, entende? "* Existe um ar de cansaço no rosto de Celso Curi, ar de muitas batalhas: *"Sempre considerei os homossexuais como parte de uma elite, como pessoas super-dotadas; eu tinha o mito de que todo homossexual é inteligente. Talvez porque vivesse eu mesmo numa elite. Mas depois descobri que existe uma massa enorme de homossexuais, e o nível de consciência deles não tem nada a ver com o que a gente pensava. Meus leitores, por ex., me deram respostas divinas. Mas também teve muita resposta imbecil. Respeito a imbecilidade como parte da cultura brasileira. Mas eu achava que o homossexual brasileiro escapava à imbecilidade geral."* Alude aos seus problemas financeiros, em parte causados pelo processo, e não consegue deixar de brincar: *"Imagine* Vou ter que vender minhas *jóias."* Depois volta a refletir, como quem já vai colhendo frutos maduros: *"Meu conceito de anormalidade está desaparecendo. Desde que duas pessoas, consentidamente, façam o que quer que seja, isso deixa automaticamente de ser anormal — pelo simples fato de estar sendo feito. Se alguém gosta de fazer sexo com samambaia, trata-se apenas de um ser humano que está fazendo aquilo de acordo com* sua *natureza, coisa muito normal, portanto."* Ajita-se novamente entre as almofadas e observa* *"É engraçado. O que venho sentindo ultimamente a respeito da Coluna me leva a crer que ele seria ridícula em 1978. Hoje não tem mais sentido ficar tratando dos assuntos de maneira exclusiva. Só fiz uma Coluna para homossexuais acreditando que isso seria um caminho para a abordagem de assuntos mais gerais."* Faz uma pausa e emenda, como querendo completar o que dizia: *"mas a luta dos homossexuais não pode ser fechada dentro de uma elite política. Durante a existência da Coluna, certos radicais achavam que ela devia ser muito mais política, conscientizando mais os homossexuais para a união. Eu achava que não, pois as pessoas devem viver naturalmente e. antes de tudo, procurar conviver bem com sua própria homossexualidade.*

Sabe, digo isso porque é difícil um homossexual sem a carga de maldição que lhe impuseram. Acho sim que é preciso batalhar. Mas quando me perguntam pelo movimento homossexual no Brasil, respondo que ele não existe. Existe é uma movimentação homossexual, da boate para o táxi, do táxi para a sauna. No Brasil, nem movimento de Manicure é possível. Imagine um centro Acadêmico de Manicure da Lapa! Coisa muito perigosa, neste país. Depois, o brasileiro tem outros problemas prioritários. Mesmo buscando sua própria identificação, o homossexual tem que se cuidar para não perder o emprego. Talvez por isso o movimento tenda a ser de cima para baixo; porque um viado rico pode dizer publicamente que é viado, e não ficará sem comida. Mas um viado pobre não, esse é sem dúvida duas vezes mais desgraçado. "É aí que entramos, inevitavelmente, num dos temas prediletos de Celso Curi: *"O travesti de rua, por ex.. não busca apenas um homem para transar; ele batalha por outra coisa também: pela comida, sem dúvida alguma. O travesti é muito mais sério do que se pensa. Ele batalha muito mais, é muito mais marginal. Vem batalhando nas ruas e tomando atitudes há muito mais tempo. Mas mesmo o travesti de "show" ele está sempre na rua, sempre fazendo viração. Me pergunto porque todos eles gostam tanto da rua, e às vezes nem vão atrás do sexo. Acho que vai nisso aí o prazer da descoberta — todo viado é sempre levado a descobrir coisas novas. Além de tudo, a calçada é o palco que o travesti escolhe. Pra que fazer um showzinho de boates se ele pode ter São Paulointeira como palco, ali na calçada? Os travestis vivem num palco, querendo fazer o grande espetáculo. Então, o melhor do Teatro São José é quando eles não estão fazendo teatro,*

REPORTAGEM

Um leitor: "Caríssimo amigo, você é meu salvador"

Eram 40 cartas por dia. Na última delas, um leitor pergunta: "É verdade q.e nós somos tantos?"

quando ficam todos diante do espelho fazendo suas encenações, dizendo que acabaram de chegar de Paris... Aquilo é teatro puro, não é dublagem." Então, Celso ri um riso de quem encara a fatalidade: *"Sabe como é, entre os homossexuais, o intelectual detesta o costureiro, que detesta o cabeleireiro, e assim por diante; no final da fila, está quem? O infeliz travesti. Então eu defendo o travesti porque somos exatamente a mesma coisa. Eu tenho algo de marginal como esses párias. Sou eu também um pária. Somos tod s marginais. Isso eu tenho em comum com ele. Na Coluna, eu disse muita coisa que eles gostariam de dizer não podiam. Eu disse em nome deles."*

parte do júri. O teatro cheio. E briga no final, porque a massa dos travestis não concordou com a decisão dos juízes e aclamou um outro travesti. No saguão, ainda agitado com a festa, eles falaram para a imprensa, geralmente com orgulho (*"Oi, querida, espera só um minutinho que estou dando uma entrevista!"*). Lisandra, travesti profissional há um ano: *"Eu lia a Coluna do Meio diariamente e gostava, lógico. Ela fazia mil fofocas e badalava o nome da gente; dava muito IBOPE, apesar de que meu nome só saiu lá uma vez. Mas eu fiquei maravilhada, porque é uma coisa que todo mundo lia em São Paulo. Sei que o Celso está com um processo, mas não me compete opinar. Ora, fechou a Coluna mas abriu a Peteca!"* Angélica, cabeleireira, travesti há dez anos: *"Sei que a Coluna acabou mas não vou falar os motivos, não gosto de certos comentários, que não fica bem. Sinto muito ela ter acabado, era maravilhosa. e falava muito bem da gente. Era um tipo de promoção pra nós que somos travesti-artista. Agora, a Coluna fechou mas isso não me afetou!"*

Depois, na Radial Leste, ponto de travesti fazer trotoar. Sara vestia um biquíni minúsculo, sem a parte superior; não tinha seios; calçava botas e se protegia da garoa com um enorme capote imitação de pele; vinte anos de idade, travesti há quatro, fazendo ponto na Radial há um ano e meio; extraordinariamente doce: *"A cana vem sempre, às vezes preta e branca, às vez preta e vermelha. Levam pra delegacia, pra 42, soltam de manhã. Se não arranjar emprego, então fica na cadeia. Ah, meu amor, só peguei cana um mês; porque não trago documento na bolsa, então é vadiagem. A gente corre perigo na esquina... Mas aqui dá pr. viver. Eu mesmo eu não sabia que a Coluna do Meio tinha acabado..."*

ma tiro 500,00 por noite. Com fregueses e tudo. Me tratam maravilhosamente. Mas

No dia em que a *Coluna do Meio* saiu pela última vez, Celso foi encontrado num canto da redação, com os olhos cheios de lágrimas, lendo uma carta que, segundo disse, *"foi como um prêmio."*

"..., 10/11/77

Caríssimo amigo, permita-me chamá-lo *assim, você é o meu salvador, que me salvou de cometer uma loucura total, ou seja, tirar a própria vida com minhas mãos* e se isso não aconteceu foi só por causa de *você, da Coluna do Meio e Última Hora. Celso! Não faço idéia de sua idade, fisio*nomia, cor, raça , *credo, se é jovem ou velho, sei lá, não tenho a mínima idéia mas creia-me com toda sinceridade e devoção a DEUS eu o AMO com todas as minhas forças que conseguir reunir. O motivo? Primeiro permita-me a apresentação: Tenho 25* anos, cor branca, *olhos e cabelos castanhos, signo gêmeos, 1m80 alt., 80 kg., físico: perfeito, etc. Eu desde os 14 anos de* idade tornei-me homos*sexual por simples distração de meus olhos nos órgãos sexuais de alguns garotos, amigos e primos, que fizeram apostas em dinheiro, bem altas, para ver se eu era "indeciso" ou não. Quase todos os dias, após as aulas do ginásio,* nós íamos tomar *banhos de rio nos arredores da cidade e aconteceu de um dia cobinarmos de todos nós ficarmos nús pa tomar o banho. Depois de várias semanas nesse ritmo a intimidade chegou ao ponto de todos fazerem apostas de quem chegaria ao orgasmo mais rápido, e a masturbação correu à solta e eu o mais fraco de espírito, mas o mais robusto* de físico, comecei , *com meu corpo, à causar tentação nos outros.* Acontece que só eu, de todos eles, não pos*suia pelos no corpo e no púbis, sendo que os demais eram bem avantajados nessa parte. Um dia ninguém quis ir tomar banho, sendo que apenas um deles solicitou-me para lhe fazer companhia, descobrí mais tarde que* ele fôra o eleito *pelos outros pois possuia o membro mais grande em comprimento e espessura e eles achavam que se eu aguentava com ele, poderia com os outros. Resultado eu não resisti à tentação dele se oferecendo à mim e jurando que não contaria à ninguém no mundo e que seria etermamente o meu* (môcho), *eu* muito bobo, confiei e *me entreguei à ele. Acontece porém que através de objetivas, câmaras muito possantes no alcance em distância, os outros fotografaram tudo e depois a chantagem começou, inclusive os meus primos foram os que mais se aproveitaram do meu corpo... eu nada podia fazer de medo de meus pais e irmão e também por causa da vergonha e* das provas que eles possuíam. *Hoje já me libertei deles, graças ao meu fiel macho, o primeiro que deve ter remorsos até pois ele me trata muito bem, inclusive diz* que me ama e que nunca *se casará com uma mulher pois ele já é casado comigo, isso é ele que diz e eu o quero muito de todos os homens q e já transei. Acontece, porém, que de repente eu me arrependi de tudo, e por falta de amigos homossexuais passivos como eu, fiquei desesperado ao ponto de querer matar-me e é aí que você, Coluna do Meio e* Última Hora entram... *Celso se eu* realmente estou *aqui é graças à você, eu jamais poderia imaginar que existem clubes, bares, cinemas, saunas, hotéis, etc. especialmente para os homossexuais e isso eu descobri através de você, meu salvador. Ainda tenho receio de que estou vivendo um pesadelo acordado e que tudo isso é mentira, que não existem tantos homossexuais passivos em São Paulo. Será q e é verdade mesmo? E se for, porque eles não se correspondem, não sabem eles o mal que estão fazendo aos do interior, como eu, que sofrem da maior solidão e que* às vezes desespero *é tão grande que já abandonei serviço, estudo, diversão e só chorava* dia e noite sem parar! Hó! *Meu Deus! Porque a gente sofre tanto? Você é a razão, o motivo, a alegria da minha existência. Escreva-me se tiver tempo e não for muito incômodo eu* lhe agradeceria *eternamente com orações. Um adeus, um abraço e que DEUS lhe acompanhe sempre, você e toda a sua família, pois você merece* mesmo. *Se possível eu gostaria de ter uma foto sua para eu guardar* como *lembrança eterna. Um forte abraço e adeus.*

JOÃO SILVÉRIO TREVISAN
Fotos de DIMAS SCHTINI

Celso Curi

LUTA PELA SAPATILHA

Bonito, olhos azuis-violeta (os de Liz Taylor), pele branca, muito branca, boca vermelha como se usasse baton. Mikhail Baryshmikov, 27 anos — Mischa, para os íntimos — é uma grandiosidade de talento.

A mais nova estrela do balé internacional, dizem que está passando a perna em Nureyev, seu conterrâneo. Mischa ri timidamente quando se fala no assunto, respondendo que não é verdade. "É uma estupidez. Essa competição não existe entre nós. Dançamos estilos diferentes e estamos aqui — fora da Rússia — vencendo juntos.

Nureyev não é tão simpático em suas respostas: "Baryshmikov está aqui a pouco tempo e ainda é dificil saber quem ele é. Talvez nem ele saiba".

CORREIO ELEGANTE

"Sou nissei. Tenho a idade de ouro (24), 1,69 de altura, 63 quilos e sou do tipo físico tanajura. Gosto de leitura e de muita diversão. Gostaria de formar um clubinho de amigos (aliás o primeiro fã clube dessa coluna) de preferência jovens negros, do tipo black-power. Não precisa enviar foto, o endereço para correspondência é o suficiente"
Maria Berta — SP.

RAPIDINHAS

- Valéria vai se apresentar, hoje, na churrascaria Xikote, em Santos. Preparem as roupinhas. E, sucesso.
- O show novo que o Medieval está prometendo, vai estrear no dia 17, de fevereiro. Novos quadros, e lançamentos. O guarda-roupa está sendo feito por Reinaldo Cabral.
- Lugares especiais estão para abrir em São Paulo. Em breve, a grande dica.
- Hermínio Bello de Carvalho esteve ontem em São Paulo. Veio assistir o show de Isaura Garcia, na Igrejinha. Eta, fã clube danado!
- Maria Odete também estava presente, no show da Personalíssima. Parece que a moçaanda um tanto desorientada, ou, quem sabe, abandonada. Subiu no palco e usou um vocabulário do tipo: bicho, amizade e outras cositas mais. Quem se habilita?

Mexa-se. Porém com muito charme.

Caminhando de maneira bem exagerada, um jovem alegre, muito alegre, ia dizendo pelas areias de Ipanema — entre a Farme de Amoedo e a Montenegro — a versão gay da campa ha do Mexa-se:

"Boneca que é boneca, faz como eu. Acorda cedo, arruma toda casa, prepara o desjejum do bofe e já põe o almoço no fogo. Lava algumas peças de roupa, dá alpiste para o passarinho e leite para os gatos — siameses, é claro . Pega a sacola, o bronzeador e a toalha do Yves Saint Laurent e vai à praia. Lá, anda 4 quilômetros por dia, falando com as amigas — mas é claro — e tosta o corpinho para brilhar na luz negra. Volta prá casa, arruma tudo de novo — porque o bofe já sujou — e dá uma descansadinha. Acorda, passa roupa, tira a sombrancelha, dá uma retocada na maquiagem e sai. Caminha durante algumas horas pela calçada da Av. Nossa Senhora de Copacabana — prá lá e prá cá. Entra no Sótão à meia-noite e dança até as 4 horas da manhã. Voltando prá casa ainda é obrigado a fazer coisas desagradáveis. Não é João?"

Terrivel perseguição

Uma entidade de homossexuais denunciou, ontem, em Buenos Aires, que vários dos seus integrantes foram assassinados pelo comando terrorista de extrema direita Aliança Anti-Comunista Argentina, que ameaçou "executar todos os homossexuais do País".

Numa publicacão denominada "Somos", a denominada Frente de Libertação Homossexual da Argentina, expressa que seus membros foram forçados a exilar-se ou ocultar-se abandonando suas residências devido a uma terrivel perseguição da AAA.

O grupo exorta a luta "pelos direitos de dispôr livremente do próprio corpo" e para "libertar-se das opressões" num país que considera "atrasado e machista".

A Frente Libertadora Homossexual denuncia ainda: "Somos perseguidos, detidos e desprezados pelo simples fato de sermos homossexuais — mas assegura — não ficaremos parados, de braços cruzados e muito menos nos afogaremos em pranto de autopunição."

"LÉ COM LÉ, CRÉ COM CRÉ"

(Velho e Sábio ditado popular)

Cinema Iris: na última sessão, um filme de terror

Na porta do cinema Iris (Rua da Carioca, no Rio) a fila para a última sessão já está formada. São 21h20min e o cartaz, ao lado porta, anuncia dois filmes: **A Volta de Trinity**, um **bang-bang** italiano cheio de violência, e **A Espiã que Caiu do Céu**, com as promessas eróticas - jamais cumpridas — de Rachel Welch. Na bilheteria, junto ao horário das sessões, o preço dos ingressos: inteira Cr$2, estudantes Cr$1, e o aviso que garante a presença feminina: "damas pagam meia".

Quem estiver na fila e arriscar uma olhada em volta, terá que escolher entre a Rua da Carioca, àquela hora sem muito movimento, sempre escura e feia, e o **hall** do cinema, que se pode devassar amplamente através de suas portas abertas. As escadarias de ferro, as filigramas dos corrimões, as cortinas de um veludo cuja cor o tempo consumiu, os espelhos (alguns quebrados) e as entradas falsas dão, mesmo aos que não conhecem a sua história, uma idéia de antigo fausto. Como as velhas superproduções que exibe, hoje totalmente amesquinhadas pela realidade bem mais violenta, o Cinema Iris já teve dias de glória, à época em que era o cinema mais luxuoso do Rio e abrigava a mais seleta platéia. Hoje, no entanto, nada mais tem a ver com o luxo de há quarenta anos atrás, e seus veludos e espelhos lhe dão apenas um ar de arruinado cenário de opereta.

Da platéia seleta, também nada restou. Na fila para esta última sessão, os rostos são facilmente identificáveis: há soldados da PM e bombeiros dos dois quartéis próximos. Há uma legião de pessoas saídas diretamente da Cinelândia, atraídas menos pelos dois filmes e pelo preço módico, que pela presença desses soldados e bombeiros. Alguns retardatários, saídos das lojas próximas, e que adiam a hora de pegar o trem e ir para casa também pontilham, aqui e ali. Como pontilham, também, os moradores das hospedarias próximas à Praça Tirandentes, rapazes vindos de outros locais em busca das luzes da cidade grande, e que acabam, no Rio, limitados à possibilidade de caminhar pelas ruas escuras - não propriamente caminhar, mas esgueirar-se em busca de oportunidades cada vez menos dignas (**oportunidades** não é a palavra exata: digamos **ocasiões**). Finalmente, na longa fila para a sessão das 21h20m, as "damas que pagam meia": prostitutas que já ganharam o suficiente para interromper o trabalho daquele dia, ou que, nesta sexta-feira muito quente e de céu carregado, já não têm a menor esperança de ganhar.

O Cinema Iris os engole a todos, como um útero escuro e quente. Às 21h20m, em sua tela brilham as primeiras imagens, e um clima mágico, muito pessoal desse cinema, se instala. Durante os próximos 150 minutos, as pessoas não terão que ficar necessariamente sentadas em seus lugares - na verdade, embora haja muitos lugares vagos, dezenas delas se amontoam na escuridão da entrada (algumas até se colocam entre as cortinas e a parede), enquanto outras se atravancam no banheiro de frisos **art-nouveau** e procuram ver algo além do que sua única lâmpada - de 40 velas - permite. Para os que entraram no Iris por acaso - ou pela primeira vez -, uma certeza inicial: apenas as damas que pagam meia parecem realmente interessadas no que a tela mostra: o vai-e-vem dos homens está em constante desacordo com o fato de que estão num cinema; e os sussurros, as imprecações, as meias palavras que se ouvem igualmente não têm a ver com as fugas entrecortadas de Terence Hill, o Trinity do primeiro filme em exibição.

Duas horas depois, 23h20m. O carro pára no sinal da Rua Uruguaiana, seu motorista olha cautelosamente, e depois avança no rumo da Rua da Carioca. A maioria dos frequentadores do Cinema Iris sentiria sua aproximação e o reconheceria apenas pelo ronco do motor: é um carro da polícia, da 3ª DP. Ele pára à porta do cinema, e dele descem três homens: um, mais jovem, vestindo uma camisa berrante, e dois mais velhos, um deles de boina (o motorista permanece ao volante). Atravessam a rua, entram num bar que mantém uma porta aberta, diante do cinema, tomam um cafezinho. Depois retornam, e se deslocam estrategicamente à porta. Vai começar o que os policiais chamam de "Sessão Coruja": um veio certo, tranquilo de abarrotar os xadrezes com os "criminosos" mais procurados pelos agentes da lei: os desocupados, muitos deles frequentadores das longas sessões do Cinema Iris.

"SEUS DOCUMENTOS"

Lá dentro, Rachel Welch faz suas últimas evoluções. As "damas que pagam meia", com a segurança que a assiduidade ao cinema lhes dá, trocam entre si, em voz alta, observações irônicas. E os homens dão suas últimas - e aflitas - caminhadas pelos corredores que levam ao banheiro.

Os primeiros a sair, ao ver o carro parado à porta - **viatura**, segundo os policiais, **carrão**, segundo os presos -, hesitam e usam os últimos instantes de segurança que o cinema lhes proporciona. Vão ao bebedouro de onde há anos não jorra uma gota d'água, olham os cartazes, examinam os cantos menos escuros. E depois, claramente aflitos, decidem enfrentar o pior a saída.

"Seus documentos" - dizem os agentes da lei, um ar cansado, sem sequer exibir suas próprias identificações (os frequentadores do Cinema Iris sabem reconhecer de longe um policial). E vêm as explicações. Um PM ou bombeiro ouve "deixa pra lá, companheiro". Um comerciário de uma loja próxima ouve uma frase ríspida, após ter sua carteira profissional (assinada) submetida a longo exame: "Vai para casa, rapaz. Isso não é hora de estar na rua". E sai do cinema, então, o primeiro **desocupado**. Cercado pelos policiais, ele diz que é trabalhador autônomo, pinta paredes. Mas não pode exibir o cartão do Imposto Sobre Serviços, na verdade, ainda não se inscreveu. Protesta, diz que tem mulher e filhos, dá um vago endereço onde podem comprovar que ele trabalha. Mesmo assim é levado para o carro e trancafiado.

A operação se processa com a mesma lentidão. As "damas que pagam meia" são as que mais protestam, usam contra os policiais argumentos impublicáveis, mas nem assim conseguem comovê-los. Quando o décimo desocupado é trancafiado na chamada **viatura**, parece impossível que ali caiba mais alguém. Mesmo assim, os policiais continuam. Um rapaz, cujos gestos funcionam como uma espécie de bandeira - trata-se de um homossexual -, informa que é advogado. Exibe a carteirinha da Ordem, que os policiais examinam mais longamente. "Como é possível, um advogado", diz um deles, fazendo uma alusão direta ao comportamento sexual do rapaz. Este, impávido, enfrenta a sequência de humilhações sem uma só das respostas que certamente aprendeu a dar nos tribunais.

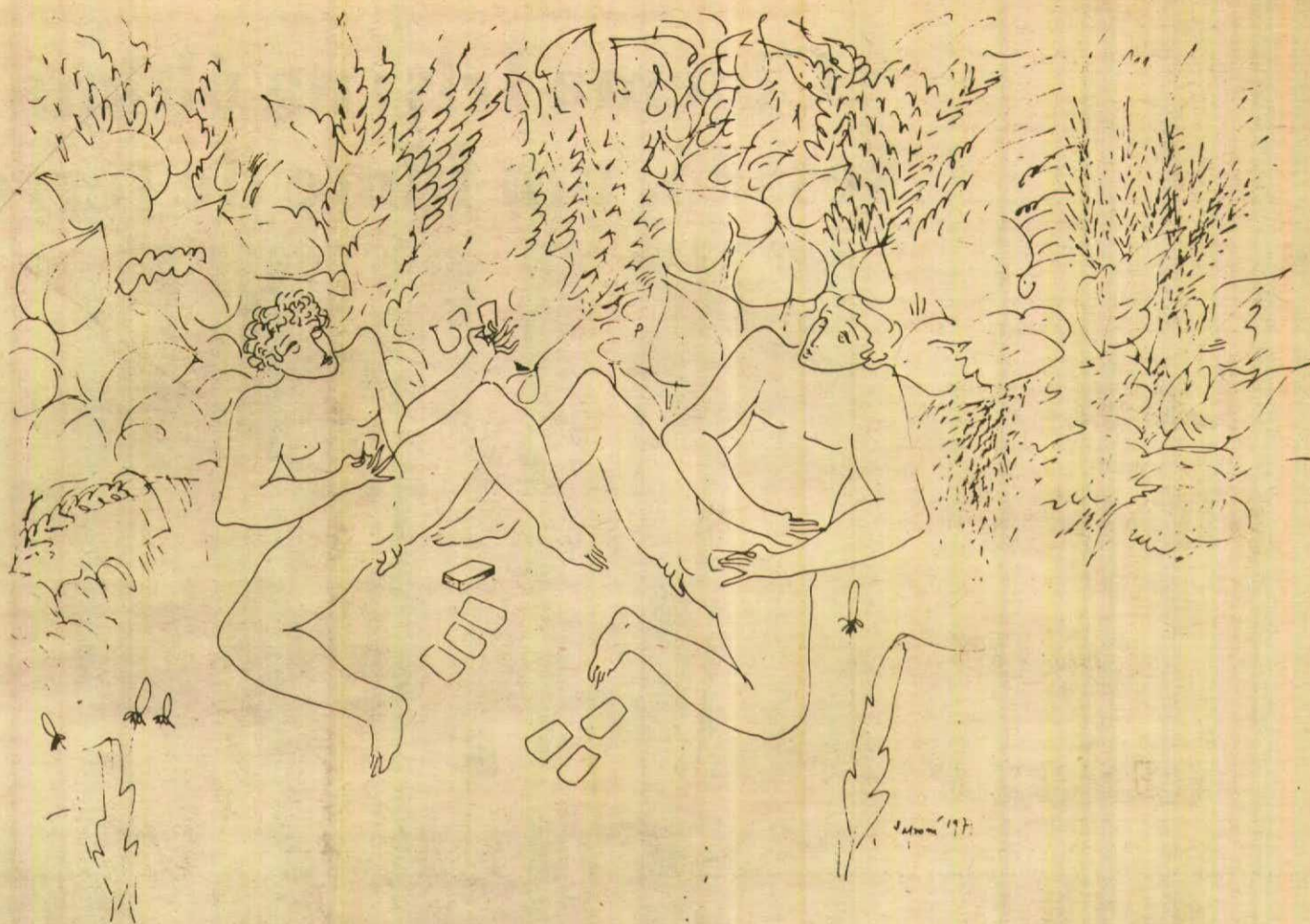
RUMO AO XADREZ

São 24h. O último frequentador do Cinema Iris saiu após uma desesperada operação diante do bebedouro. Não tinha documentos, chegara ao Rio há uma semana e estava hospedado no Hotel Ledo, na Praça Tiradentes (era de Cachoeiro de Itapemirim). Contou uma longa história de ladrões que o roubaram à saída da Rodoviária. Foi, também, o último a entrar no **carrão**, de onde vinham, a essa altura, protestos abafados - é possível que até Terence Hill e Rachel Welch, sem carteira profissional assinada, acabassem presos se, por uma mágica qualquer, terminada a sessão de cinema, se desprendessem da tela e saíssem pela porta do Iris que leva à rua.

Os porteiros e lanterninhas do cinema, transformados em faxineiros, atacam, antes que a polícia tome mais um café em frente e se retire, a sujeira deixada pelos frequentadores das quatro sessões (a primeira começa às 12h40m). Subitamente transformados em personagens desta sessão de cinema, as pessoas semi-asfixiadas dentro do **carrão** já discutem entre si as próximas sequências do roteiro. Levadas ao distrito, serão submetidas à triagem. Nenhum, certamente, terá antecedentes - os verdadeiros criminosos nunca se arriscariam entrando no Iris. Mesmo assim, alguns serão liberados e outros incursos no Código de Contravenções Penais — por vadiagem. Estes, mandados para o Galpão da Quinta da Boa Vista, aguardarão, durante um mês ou dois, que o juiz os absolva — eles absolvem sistematicamente as pessoas detidas pela polícia por vadiagem, e usam para isso um argumento definitivo: numa cidade de tantos desempregados, como descobrir um vadio?

NA PENSAO A FLOR DE MINAS

O rapaz do quarto 14
é rebento, 24 anos,
de tradicional família mineira.
Olhou nos meus olhos
um dia
seu pecado feito carne
e viu meus cílios baterem.
Ele estremece,
foge o olhar — mas fala.
Disse-me que tem muito medo.
Nas noites frias de junho
ele atravessa a sala
e demora-se no banheiro.
Passa pela minha porta,
estou no leito,
mas não vejo, sinto.
O chão de tábuas me diz
que ele foi para lá
ou que ele está de volta.
Me olha, estremece, tem medo.
Eu gosto de vê-lo assim
e ele me parece
feliz quando meus cílios batem
e descobre no meu olho
seu pecado feito gente.
Ouço tudo que acontece
dentro dele
no quarto 14.
Sua comunicação é na cama,
quando gira, tosse,
contorce seu medo — ela range,
ele ruge, mas não tem coragem.
Deitado, espero, seu pecado,
batendo os cílios e lembrando
a disciplinar Minas Gerais.
Seu pecado, a vontade, deitado
estou sempre,
esperando que na ida para o banheiro
a cupidez mineira
da família tradicional
permita o medo dele vir
pelo meu quarto
misturar na noite fria de junho
nossas humanidades
no pecado amplo,
fofo,
que deitado estou para isso...

Paulo Augusto

Poema para teus seios

**Cerro os olhos pra não ver,
e mãos para não apalpar
e bocas pra não chupar
teus seios.
Desejo beber teu leite,
azeite de oliva branca,
e provar com minha língua
o macio de teu peito.
E se em inútil trabalho
te afasta a blusa de mim,
eu, por inúmeros meios,
cerro olhos pra ver
e bocas para chupar
teus seios.**

Leila Míccolis

Antropofagia

**Conduzo-te faminto
até a velha cama,
que é grande e redonda
como uma mesa de banquete.
Insalubres, nossas salivas
se confundem.
Rolam nossos corpus suados
sobre as tenras cobertas.
Bates persistente
contra o meu umbigo
com teu sexo —
peixe cego.
Arrancando-te os pelos das axilas,
de pura agonia gozo.**

Franklin Jorge

Leila Míccolis, carioca, Franklin Jorge, potiguar, e Paulo Augusto, fluminense, foram os escolhidos para abrir a seção de poesia de LAMPIÃO. Entre publicar poetas consagrados e dar vez aos jovens, nosso jornal escolheu o segundo caminho, e resolveu abrir esta página a todos os que se dediquem com talento e verdadeiro empenho à poesia. Dentre os poemas enviados à nossa redação, Gasparino Damata mensalmente selecionará alguns para publicação mediante dois critérios: a qualidade e o enfoque lírico de uma das formas mais expressivas da comunicação humana — a sexualidade, dos pontos de vista que interessam aos leitores deste jornal.

Lontras, piranhas, ratos, veados e gorilas, atenção: vocês também têm direitos (A ONU decidiu)

Já em 1400 Leonardo da Vinci (que entendia das coisas) escreveu: "Haverá um dia em que os homens conhecerão o íntimo do animal e, nesse dia, um crime contra um animal será considerado como um crime contra a humanidade". Quase 600 anos depois o homem ainda nem conhece a si próprio; tanto que ainda se discriminam uns aos outros, de acordo com detalhes como raça, credo, preferência sexual etc. Como esperar que eles vejam os animais como seres a ser preservados e cujos direitos sobre o mundo em que vivem são igualmente inalienáveis?

Mesmo que o homem, em várias partes do mundo, não consiga respeitar a Declaração Universal dos seus próprios direitos, não se deve esperar que ele atinja esse estágio para tentar convencê-lo da existência dos direitos dos animais. É o que decidiu a Unesco, ao proclamar recentemente a Declaração Universal dos Direitos do Animal, durante uma reunião em Bruxelas, em janeiro deste ano, da qual participaram representantes da Bélgica, França, Canadá, Iugoslávia, Noruega e Itália.

Como primeira etapa para aplicação destes princípios foram propostas uma moratória à caça da foca e da baleia; a suspensão da caça à raposa, na Inglaterra; a abolição do tiro ao pombo na França, e a proibição de menores assistirem às corridas de touro na Espanha.

Na verdade, o texto da declaração, como se vê abaixo, serviria para a grande maioria dos homens que, em determinadas regiões da terra, vivem em condições subumanas de existência ou sob uma repressão cuja característica básica é o desrespeito a qualquer tipo de direito. De qualquer modo, a simples declaração dos Direitos do Animal já é um ponto de partida. Graças a ela, eles se tornam a mais exótica de todas as **minorias** (e LAMPIÃO reafirma aqui o seu conceito de **minoria**: é um grupo sobre o qual a sociedade repressiva mantém seus tacões, mesmo que ele não seja minoritário, como as mulheres, por exemplo) a ver levantada a bandeira da luta por seus direitos.

Eis a íntegra da Declaração Universal dos Direitos do Animal:

Considerando que cada animal tem direitos; considerando que o desconhecimento e o desprezo destes direitos levaram e continuam a levar o homem a cometer crimes contra a natureza e contra os animais; considerando que o reconhecimento por parte da espécie humana do direito à existência de outras espécies animais constitui o fundamento da coexistência das espécies no mundo; considerando que genocídios são perpetrados pelo homem e que outros ainda podem ocorrer; considerando que o respeito pelos animais por parte do homem está ligado ao respeito dos homens entre si; considerando que a educação deve ensinar desde a infância a observar, compreender, respeitar os animais;

Proclama-se:

Art. 1 — Todos os animais nascem iguais diante da vida e têm o mesmo direito à existência;

Art. 2 — a) Cada animal tem o direito ao respeito. b) O homem, enquanto espécie animal, não pode atribuir-se o direito de exterminar os outros animais ou de explorá-los violando este direito. Ele tem o dever de colocar a sua consciência a serviço dos outros animais. c) Cada animal tem o direito à consideração, à cura e à proteção do homem.

Art. 3 — a) Nenhum animal deverá ser submetido a maltratos e atos cruéis. b) Se a morte de um animal é necessária, deve ser instantânea, sem dor nem angústia.

Art. 4 — a) Cada animal que pertence a uma espécie selvagem tem o direito de viver livre no seu ambiente natural, terrestre, aéreo ou aquático, e tem o direito de reproduzir-se. b) A privação da liberdade, ainda que para fins educativos, é contrária a este direito.

Art. 5 — a) Cada animal pertencente a uma espécie que vive habitualmente no ambiente do homem tem o direito de viver e crescer segundo o ritmo e as condições de vida e de liberdade que são próprias de sua espécie. b) Toda modificação deste ritmo e destas condições imposta pelo homem para fins mercantis é contrária a este direito.

Art. 6 — a) Cada animal que o homem escolhe para companheiro tem o direito a uma duração de vida conforme a sua natural longevidade. b) O abandono de um animal é um ato cruel e degradante.

Art. 7 — Cada animal que trabalha tem o direito a uma razoável limitação do tempo e intensidade do trabalho, a uma alimentação adequada e ao repouso.

Art. 8 — a) A experimentação animal que implica um sofrimento físico e psíquico é incompatível com os direitos do animal, quer seja uma experiência médica, científica, comercial ou qualquer outra. b) As técnicas substitutivas devem ser utilizadas e desenvolvidas.

Art. 9 — No caso de o animal ser criado para servir como alimentação, deve ser nutrido, alojado, transportado e morto sem que para ele resulte ansiedade ou dor.

Art. 10 — a) Nenhum animal deve ser usado para o divertimento do homem. b) A exibição dos animais e os espetáculos que utilizam os animais são incompatíveis com a dignidade do animal.

Art. 11 — O ato que leve à morte de um animal sem necessidade é um biocídio, ou seja, um delito contra a vida.

Art. 12 — a) Cada ato que leve à morte de um grande número de animais selvagens é um genocídio, ou seja, um delito contra a espécie. b) O aniquilamento e a destruição do ambiente natural levam ao genocídio.

Art. 13 — a) O animal morto deve ser tratado com respeito. b) As cenas de violência de que os animais são vítimas devem ser proibidas no cinema e na televisão, a menos que tenham como fim mostrar um atentado aos direitos do animal.

Art. 14 — a) As associações de proteção e de salvaguarda dos animais devem ser representadas a nível de governo. b) Os direitos do animal devem ser defendidos por leis, como os direitos do homem.

o filme

Valentino/Nureyev e Nijinsky/Anthony Dowell na cena do tango

Nureyev Vs Cassius Clay

A comparação pode parecer ofensiva tanto para os baletômanos quanto para os amantes do box, mas a verdade é que Rudolf Nureyev é uma espécie de Muhammad Ali da dança clássica. Assim como o lutador conseguiu elevar sua carreira aos níveis do impossível, deixando para trás algumas gerações de aspirantes ao título definitivamente batidas, o bailarino tem resistido a todos os barishinikovs da vida que fogem aos magotes da União Soviética dispostos a lhe abiscoitar o título de "maior bailarino do Ocidente". É verdade que Rudy, como o Ali das últimas lutas, já não exibe todo o seu virtuosismo; ao contrário, ele o vem administrando de modo bastante avaro, mas sempre com eficiência: como fez o lutador até a derrota recente há sempre um momento, em suas apresentações, em que ele executa aquela pirueta a mais — e o público cai a seus pés, rendido. É por isso que tanto Nureyev quanto Cássius Clay vêm mantendo junto com outra meia dúzia de mitos igualmente mal comportados como eles, há vários anos, a supremacia dos seus nomes nos noticiários dos jornais.

Valentino, de Ken Russel, leva em conta esse fato; muito mais do que recontar a história do grande canastrão que Hollywood celebrizou, nos parece uma homenagem prestada pelo delirante cineasta ao mito que ele escolheu para viver o outro Rodolfo na tela: durante todo o filme Russel está literalmente prostrado diante de Nureyev, e este, embora estreando no cinema, merece um destaque que nem Marlon Brando em seus momentos de maior estrelismo (**Vidas em Fuga**, por exemplo), ousaria exigir. Não que Rudy seja sequer um ator, para suportar tamanha carga. Mas que importa — para melhor realçar sua presença Russel marcou exageradamente todo o filme, que tem seqüências inteiras coreografadas (vide aquela em que Valentino e Natasha se amam na tenda do sheik), e permitiu que seu astro usasse até mesmo a maquilagem pesada que ele utiliza no balé e que, inteligentemente, serve de auréola ao seu olhar insuportavelmente magnético.

Dessa forma, Russel, com a ajuda de Nureyev, retoma neste filme a sua obsessão em torno do mesmo tema — o mito. Tchaikovsky, Mahler, Valentino — de **Delírio de Amor**, que ainda tinha uma carga poética muito forte, ao delírio propriamente dito: um ensaio grotesco sobre a Hollywood dos anos 30 e de sempre, e uma caótica meditação sobre o mais americano de todos os sonhos — essa estranha mania de dar transcendência imortal a criaturas cuja textura não vai além do celulóide através do qual se expressam.

É claro que quem quiser se deixar conduzir até o centro desse delírio tem que entrar no cinema sem posição pré-estabelecidas — o ensaio personalíssimo de Russel, sua misoginia desvairada, seu homossexualismo nem sempre sublimado não as admitem. E aceitar até mesmo o que foi, certamente, a razão principal da acolhida negativa que o filme mereceu por parte dos críticos norte-americanos: o fato de Russel ter feito um filme sobre Hollywood nos estúdios ingleses de Elstree, e ter reproduzido de maneira mais **kitsch** — com a ajuda de sua mulher, Shirley Russel, responsável pelos **decors** — a cidade dos sonhos, com seus interiores que vão do gótico ao babilônico e suas mansões, ah, suas mansões ainda hoje de pé: verdadeiros monumentos a uma doença puramente americana — o gigantismo.

Valentino é, possivelmente, o filme mais louco, muito louco mesmo, produzido pelo cinema nos últimos tempos. Para quem quiser apreciá-lo, o maior segredo é situar-se bem no centro dessa loucura e deixar-se levar pelo incrível pique imprimido por Russel, pique este cujas raízes, a nosso ver, estão em outro ensaio sobre Hollywood, não por acaso dirigido por outro inglês — **O dia do gafanhoto** -, de John Schlesinger; afinal de contas, este é um dos objetivos do cinema — pegar instantaneamente o espectador e (como se diz) segurá-lo pelo pé.

Aguinaldo Silva

Ritual da amizade na Tv

Abordar o tema homossexualismo em nossa televisão não é fácil, principalmente quando se tenta fazê-lo com seriedade. Por enquanto, ele está restrito aos filmes, e destes os mais conhecidos do telespectador — pela freqüência com que são exibidos — são **Os pecados de todos nós**, de John Huston, com Elizabeth Taylor, Marlon Brando e Brian Keith (uma versão do romance de Carson McCullers, editado no Brasil com o título original — **Reflexos num olho dourado**); nele, Marlon Brando faz o papel de um homossexual que vê suas fantasias de um relacionamento com um rapaz cairem por terra, levando-o ao assassinato do jovem; **Na solidão do desejo**, de John Flynn, com Rod Steiger e John Phillip Law, sobre a vida de um sargento solitário que faz amizade com um soldado para combater sua solidão, ou seja, se apaixona pelo jovem sem conseguir assumir sua condição de homossexual, o que o leva a sérios conflitos (a seqüência inicial, em que Steiger mata literalmente com um abraço um soldado alemão, é de um erotismo asfixiante); **Morte em Veneza** de Luchino Visconti, em que o tema solidão é novamente abordado, com Dick Bogarde vivendo magistralmente o velho músico que se apaixona pelo adolescente Tadzio, num desempenho tão seguro que algumas cenas, que poderiam ser cansativas, se tornam de grande teor dramático; e **Mulheres Apaixonadas**, de Ken Russel, em que Sandy Denis — uma das mulheres do título — tem o melhor desempenho de sua carreira, disputando o amor de sua amiga com o incompetente Keir Dulea (o filme tem um final profundamente moralista — Sandy é esmagada por uma árvore; um protesto da natureza contra o seu amor **antinatural?**).

Além destes, foi exibido recentemente pela TV Guanabara, na série Família, o filme **Ritual da Amizade**, enfocando a questão do homossexualismo sem nenhum tema paralelo a justificar o enfoque. Tudo começa com a prisão de um jovem que está num bar guei de sua cidade natal. Para poder sair da cadeia, ele tem que recorrer ao amigo mais íntimo, e quando este o ajuda a resolver o problema — sair da prisão — ele lhe diz que é homossexual, provocando entre os dois um inesperado rompimento da amizade. A partir daí o filme vai num crescendo, culminando com a expulsão do rapaz de sua casa; seus pais não o aceitam naquela condição, mas em troca, ele recebe o apoio da família do amigo, que não só o recebe como se dispõe a discutir a questão.

É verdade que a amizade entre os dois não mais será retomada — o impacto da revelação é grande demais para o amigo heterossexual; mas há duas lições a se tirar do filme. A primeira é que a família do rapaz não representa um rígido padrão de conduta — há outras pessoas, não necessariamente homossexuais como ele, dispostas a ajudá-lo a assumir sua preferência sexual; a segunda é através de uma irmã do amigo do rapaz, uma menina de uns 13 anos que, ao saber de sua homossexualidade, encara a coisa com naturalidade e limita-se a um comentário: "É pena que você seja homossexual, porque minhas esperanças de casar com você acabam aqui"; isso significa que, antes de serem arbitrariamente moldados segundo os padrões da sociedade vigente, os seres humanos (as crianças) encaram diferenças de comportamento como essa de maneira absolutamente normal, o que não é mais possível quando se tornam adultos e enquadrados.

É uma pena que **Ritual da Amizade** tenha sido exibido sem maior publicidade. Caso estiver nos seus planos uma reexibição, a TV Guanabara deve anunciá-la com antecedência através dos jornais. Com isso, certamente ela garantirá uma enorme audiência: LAMPIÃO promete.

Adão Acosta

o livro

Aconteceu nos EUA

De repente o homossexualismo virou assunto. Deixou os cubículos, os becos, os bares e as hospedarias e chegou às ruas. Dezenas de reportagens, "análises científicas", filmes e obras literárias ganharam lugar de destaque nas prateleiras. Hoje quem quer fazer sucesso precisa de um pouco de frescura, e é preciso ter entre os amigos uma bicha qualquer, para provar a abertura.

Assim, nos meios de comunicação, da grande à pequena imprensa, das maiores às menores editoras, todos passaram a investir no assunto. E só a partir dessa observação, longe de estar concluída, é que se justifica o lançamento de um livro com o título de **Mamãe, sou homossexual** (Civilização Brasileira, 280 páginas, 1977), de Laura Hobson, autora norte-americana. É lamentável que a editora tenha chegado ao nível de procurar explorar o assunto-moda e o pobre leitor-consumidor de best-sellers apelando para este título. Mas é lógico que o faturamento deve ter sido maior que se o título original — **Consenting Adult** tivesse sido mantido e traduzido literalmente.

O fato é que **Consenting Adult** — prefiro chamá-lo assim — ao mesmo tempo em que possui a estrutura de um best-seller americano, é um bom livro. A história abrange muito mais o período de 1969 a 1973 no seio de uma família de alta classe média americana que propriamente o homossexualismo. Ele poderia falar da mesma maneira de

(Continua na página seguinte)

um jovem heterossexual que se recusa a ir à guerra, e o resultado seria o mesmo. O fato é que ele mostra toda a situação de uma sociedade que começa a viver de novo, a respirar a história e a se ver caminhar sem macartismo (de fato, lentamente se dilacerando), diante da eleição de Kennedy para a presidência e da derrota (a primeira) de Nixon. Um comentário da mãe de Jeff, o rapaz do título, explica bem essa situação: "Tudo acontecia tão de repente."

Jeff tem 17 anos quando a história começa. E sua mãe transforma-se na maior personagem do livro, ao se ver diante dessa questão: a **doença** de meu filho tem cura? ZOra, enquanto ela se faz esse tipo de pergunta, a sociedade americana já começa a ser outra. Acelera-se a guerra e as ondas de protesto, o rock ganha corpo, os homossexuais saem às ruas, cansados das porradas da polícia (não era muito diferente do que ainda hoje vemos por aqui), alguns começam a lutar pelos direitos civis das minorias, e a nova psicanálise reconhece: doença não é homossexual, mas sim, jogar bombas de **napalm** no Vietnam, independente das preferências sexuais do militar ou do Presidente que o ordenou.

O livro aborda tudo isso através da trajetória de uma família bem posta, e Jeff é um exemplo — pequeno, é bem verdade, já que não é a figura ardente de um ativista — de um jovem diante de uma situação que o preocupa. Ele lentamente toma consciência de que, afinal, nada mais é que uma pessoa que tem emoções iguais a qualquer outra, e que pode ser feliz. E feliz não como o mundo quer que ele seja, mas, sim, como ele próprio gosta e deseja.

E sua consciência aclara-se em um comentário simples e direto, quando ele joga por terra o argumento de um jornalista que, com coragem, luta pela igualdade dos direitos: "Não me venha dizer que os homossexuais são tão bons artistas quanto os negros são bons atletas." Sim, porque no fundo o preconceito existe, e mesmo os mais liberais procuram reservar um lugar delimitado para essas pessoas: a idéia de que o homossexual é sempre artista encobre apenas uma outra — a de que ele deve se limitar a este campo de realização, com o que lhe ficariam vedadas outras possibilidades, entre elas a de exercer o poder.

Alceste Pinheiro

Uma festa em Niterói

Neste 7 de abril, às 20h, no Museu da Cidade — antiga Assembléia Legislativa, Jardim São João, Centro de Niterói —, uma festa literária que LAMPIÃO recomenda: uma noite coletiva de autógrafos com os seguintes escritores: Antônio Carlos de Brito (**Na corda bamba**); Glória Perez (**Sem pão nem circo**), Leila Miccolis (**Silêncio relativo**), Roberto Bozetti (**Poemas de Bruzundanga**), Aristides Klafke (**Contramão**), Glauco Mattoso (**Queda de braço**), Isamar Bersot (**Gaveta no porão**) e Paulo Augusto (**Falo**). Paulo Augusto e Leila Miccolis foram selecionados para abrir neste número, junto com Franklin Jorge, a seção de poesia de LAMPIÃO.

a peça

A volta de Edward Albee

Norman Mailer escreveu certa vez, com sua devastadora ironia, que os críticos de teatro dos Estados Unidos durante duas décadas apontaram Arthur Miller como o maior dramaturgo norte-americano, apenas porque não queriam aceitar este fato consumado: o maior dramaturgo norte-americano era um homossexual Tennessee Williams. Preconceituosos ou não, os críticos dos grandes jornais americanos, capazes de destruir um espetáculo e condená-lo ao fracasso com apenas uma observação negativa, não perderam por esperar. Quanto Tenessee, empurrado pelo álcool, saiu de cena, surgiu alguém que ocuparia o seu lugar, e cuja dramaturgia tenderia muito mais para o seu universo alegórico que para o racionalismo ascético de Miller. Edward Albee..

A primeira prova de que os críticos teatrais norte-americanos ainda teriam que alimentar por muito tempo o seu preconceito foi **Zoo Story**, atualmente em cartaz no Café Teatro Odeon, em São Paulo. A peça escrita em 1958 e estreada em Berlim no ano seguinte, é, basicamente, um longo diálogo entre dois presonagens — um bem posto cavalheiro, digno representante da maioria silenciosa (Lourival Pariz), e um garotão **underground** (Marco Nanini) que o aborda num banco de jardim. O cômodo isolamento do primeiro, a sua aparente tolerância — ele é, repetimos, um cavalheiro, um executivo bem sucedido — serão duramente testados pelo garotão, que, marginalizado por vontade própria, mostrará ao executivo que o que ele sente realmente é um absoluto desprezo pelos dramas alheios.

Sem ter, hoje em dia, o mesmo impacto de há vinte anos — afinal, ela pretendia ser um **flash** fiel da sociedade norte-americana, e a própria sociedade norte-americana encarregou-se de provar, em dramas bem mais fortes como o de Watergate, que era ainda pior —, **Zoo Story** ainda emociona, sobretudo porque mostra uma coisa que, nos nossos dias, é de candente atualidade: a comunicação entre os seres, atualmente, só se faz através de componentes que incluem a crueldade e a destruição.

É esse aspecto que o espetáculo ora em cartaz no Café Teatro Odeon, em São Paulo, sob a direção de João Albano, procura ressaltar. E neste sentido ele se mostra muito bem sustentado pelos dois atores: Pariz, irrepreensível como o executivo Peter, que exige da vida, entre outras coisas, a garantia de não ser molestado num banco de jardim; e Nanini, como o revoltado Jack, que não consegue canalizar sua revolta para muito além do seu individualismo ferrenho.

a exposição

Uma exposição muito louca

Os museus, atualmente, pouco têm a ver com a vida das pessoas ou com os seus interesses do dia-a-dia. São instituições congeladas no tempo, sem qualquer interesse real, onde se vai para conhecer coisas mortas ou mantidas vivas por processos artificiais. O Museu de Arte Moderna do Rio não foge à regra, apesar do nome e da aura que pretendem criar em sua volta, através da publicidade das colunas sociais, como uma pretensa usina geradora de cultura. O MAM é tão doente como qualquer outro congênere; não tem nenhuma diretriz cultural e do que a sua diretoria gostaria mesmo era de realizar nos seus grandes espaços bailes de carnaval e concursos de fantasia. Como isso **ainda** não foi possível, fazem-se exposições.

Há ali no momento três ou quatro exposições. No lugar "mais nobre", no segundo andar, encontra-se por exemplo a xaroposa exibição de vaidade de um publicitário e humorista que, à falta de garra, quer nos vencer pelo cansaço com uma avalanche de piadas sem graça e cores translúcidas; aquele tipo de desconversa que fez a fortuna de tanto publicitário. Enquanto isso, jogada num desvão do terceiro andar, encontra-se uma mostra mambembe, cafona e muito louca que só pelo título já vale uma vela: "Mama! 24 anos de utilidade pública".

O artista é um estudante de arquitetura chamado Lauro Cavalcanti. Seu projeto se infiltrou no MAM, pois só assim se compreende a montagem ali de uma proposta cuja parte principal simplesmente prevê a implosão (teórica, é claro) da instituição para que de seus entulhos surja a possibilidade de uma reconstrução cultural. Fisicamente, a mostra está dividida em dois espaços e num corredor que chamarei de labirinto. O primeiro espaço refere-se à implosão; tem um canteiro de tábuas cheio de entulho (que seria o resultado da implosão) e na parede, em letras brilhantes, uma legenda lembrando o renascer das cinzas da fênix lendária, alusão à possibilidade de se reconstruir a cultura. O segundo espaço é uma espécie de sala de espera dessa que vemos em consultórios de dentistas, com sofás de plástico, mesinha de centro de fórmica, chão de linóleo, almofadas de cetim, bibelôs, cinzeiros e revistas antigas; é o protótipo da sala de espera que nós todos conhecemos, triste-alegre, dúbia; muitos reconhecerão nelas as salas daquelas casas dos "bairros de luzes vermelhas", infelizmente em franco desaparecimento.

Mas é no labirinto que se encontra a parte mais divertida da exposição. Na entrada, sobre um pedestal, há um álbum do tipo "Nosso Bebê" onde Lauro recriou o percurso de vida, desde o dia em que nasceu, há 24, anos, comparando-o com o do MAM, que justamente na mesma data foi transformado em órgão de utilidade pública pelo Presidente Kubitschek. Nas paredes do labirinto há também 24 pares de fotografias, um para cada ano de vida artista/museu, em forma de "posters domésticos", como aqueles que se costuma fazer para lembrar os entes queridos, tendo por baixo legendas em letras de plástico, dessas que se vê nos cardápios de parede das lanchonetes. O registro sincrônico e comparativo é todo baseado no humor e na ironia. Os flashes fotográficos mostram Lauro de bebê (pronunciando sua primeira palavra: Mama!) ao homem atual, e o MAM desde sua construção esperançosa ao impasse cultural de agora. Cada legenda ilumina um dado momento, sempre com muita inteligência e lucidez, mas também com a amarga nota de insatisfação de uma geração frustrada.

Embora tão jovem, e certamente sem pretender, Lauro dá umalição em vários sentidos. As impostações já eram: em arte e na vida. Ela agora está dando o seu grito primal, Mama!, e se implodindo, para recomeçar tudo de novo. A convocação deve ser geral, por que não? Vamos também nós rasgar a fantasia.

Francisco Bittencourt

Três vezes Darcy Penteado

Darcy Penteado inaugurou, quase simultaneamente, duas exposições de pintura: dia 13 de março na Galeira Domus, em São Paulo e em 5 de abril no Caiçara Clube, em Santos. Sem caráter de retrospectiva, ele expõe desenhos antigos porém inéditos, de 1948 a 1974, completando as mostras com telas de sua fase atual, de realismo dramático.

*Além do pintor, o escritor Darcy Penteado também produz: a Proarte Produções de São Paulo está iniciando a produção de sua peça teatral **A Engrenagem do Meio** e pretende apresentá-la em maio. O elenco de três personagens (um deles é um travesti) está sendo escolhido em sigilo. A peça promete ser uma bomba: nela, a temática homossexual é tratada de maneira séria, direta, e os personagens são possoas comuns, não caricaturas ou "doentes mentais", como tem acontecido sempre em peças do gênero.*

A idéia do Conselho Editorial de LAMPIÃO é fazer de sua seção de Cartas na Mesa uma espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal. É possível chegar ainda mais longe: esta seção será ampliada de acordo com a correspondência recebida, e poderá ir até a publicação de artigos, fotos, etc. enviados pelos leitores e que se enquadrem na linha de idéias que norteou a criação do jornal. Da primeira leva de cartas recebidas selecionamos as que melhor representam essa orientação.

Nos becos escuros

Soube que vocês iam dar ênfase às cartas dos leitores, e tratei de escrever correndo, para ver se minha carta saía ainda no número zero. Eu queria me queixar contra os policiais que fazem rondas no local guei denominado "Buraco da Maísa", no Castelo, no Rio. É que eles não impedem as pessoas de entrar no "Buraco", até facilitam; depois que a gente está lá dentro é que eles aparecem, querendo dinheiro para não levar o pessoal preso. Será que vocês podiam fazer uma reportagem sobre isso?
Jenifer
Rio de Janeiro

Resposta: Um dos objetivos de LAMPIÃO é não apenas fazer com que as pessoas possam sair do "buraco", mas, também, garantir a todas elas o direito de entrar lá, quando queiram. Se o sistema não estivesse realmente interessado em manter vielas escuras, ele simplesmente as iluminaria, não é? Seria uma solução bem mais fácil que mandar policiais prender as pessoas que as frequentam. Já nesse número zero falamos de um assunto parecido — o Cinema Iris. Não se preocupe: voltaremos a abordá-lo.

Homens nus

Achei divina a idéia do Lampião. Tenho todos os livros do Darcy e do Aguinaldo, e adoro conversar com pessoas gays, embora eu não seja. Será que vocês poderiam publicar umas fotos de Eloína, o travesti, aquela que sai quase nua na Beija-Flor? É verdade que o nome dela não pode aparecer na televisão, durante o desfile, para que todo o mundo pense que é uma mulher? Vocês vão publicar fotos de rapazes em trajes de Adão, como fazem os jornais gays norte-americanos?
Elisa Doolitle Salvador — Bahia

Resposta: ***Eliza Doolitle (por que não Gabriela Cravo e Canela?), Darcy e Aguinaldo agradecem. Quanto a Eloína, está na nossa pauta uma ampla matéria sobre travestis. O nome dela é permitido na televisão, sim mas não se pode dizer que se trata de um homem; há uma proibição, não se sabe de quem. Quanto às fotos de rapazes nus, não é o nosso gênero: LAMPIÃO acha que ninguém, nem mesmo Pedrinho Aguinagua, deve ser tratado como objeto sexual.***

Os bigodes de Rivelino

Li com surpresa a entrevista do técnico do Vasco, Orlando Fantoni, à Última Hora de São Paulo, denunciando o homossexualismo no futevol. Segundo ele, a coisa está demais, com os cartolas perseguindo e cantando a rapaziada dos times juvenis. Mas então existe isso no futebol e ninguém nos diz nada?

Outra coisa: porque todos os artistas que trabalham na TV, principalmente na TV-Globo, são tão desbragadamente heterossexuais? Morei muito tempo perto de um determinado ator jovem, de grande sucesso atualmente no horário das 19 horas — não vou dizer o nome, é claro —, e que era uma **doida varrida**. Agora, vivo lendo nas colunas especializadas que ele troca de namorada todos os dias, que é, em suma, o "macho perfeito". Será que a TV-Globo tem uma poção mágica destinada a mudar o sexo dos garotos?

Valter Moraes Campinas - São Paulo

Resposta: **LAMPIÃO discorda do conceito de virilidade do leitor; a virilidade excessiva já é, por si só, um problema (ninguém, absolutamente ninguém, pode ser tão viril quanto Rivelino, por exemplo, finge que é). Quanto à questão do homossexualismo no futebol, aguarde o número de junho do nosso jornal, em homenagem à Copa do Mundo. Depois dele, o futebol nunca mais será o mesmo...**

Quanto aos "meninos" da TV-Globo, é uma questão de "marketing": o pessoal da chamada Vênus Platinada acha que frescura não vende. Enquanto isso, Ney Matogrosso fatura adoidado, e sozinho.

Pintou o bode

... Há dias em que tenho vontade de me matar. Meus irmãos debocham de mim, meu pai me detesta, minha mãe vive chorando pelos cantos, lamentando a minha doença. No colégio todos caçoam de mim, na rua assobiam quando eu passo. Estou ficando cada vez mais conhecido na minha cidade. Tenho vontade de fugir, mas não tenho meios. Além disso sou menor, tenho 17 anos. Sinto-me a última das pessoas. Peguei um panfleto anunciando o jornal de vocês numa livraria daqui, decorei o endereço e joguei o panfleto no lixo, para que ninguém o descobrisse comigo. Agora, estou escrevendo, mas nem sei para que. Será que vocês podem me ajudar?
Infante RECIFE—PERNAMBUCO

Resposta: **LAMPIÃO, meu caro Infante, se recusa a servir de muro de lamentações. Tudo o que você tem que fazer é se livrar de toda essa auto-piedade, dessa auto-flagelação. Ninguém pode ser tão execrado quanto você pensa que é. Em nenhum momento de sua carta você diz o que realmente é, ou seja, que é homossexual. A nosso ver, o problema está em você mesmo, que não se aceita. De qualquer modo, você frequenta livrarias, pelo menos isso. Pois leia, que isso em muito o ajudará. Se quiser, nós lhe mandamos uma lista de livros através dos quais você poderá descobrir o que realmente está acontecendo em torno de você (Deboche? Ódio? E por que não fascínio?). Informe-se, ache uma maneira de atuar no mundo em que vive, e deixe de ter pena de si mesmo. Há tanta coisa para ser feita no mundo, e você fica nessa de "ah, como eu sou infeliz?". Não, não, não.**

Esperando o nº zero

Amigos de LAMPIÃO: não, não foi por um lapso que deixei de remeter o pagamento, junto ao cupom, pela assinatura de LAMPIÃO. A verdade é que houve má interpretação, pois julguei somente necessário após a aprovação do número zero. É tanta exploração, atualmente, sobre o homossexualismo, que vocês devem perdoar as desconfianças, que certamente não serão só minhas, em comprar algo no escuro mesmo torcendo e querendo que dê certo. Deixo claro que a desconfiança não é sobre a honestidade dos componentes, mas pelas dificuldades que surgirão, e que poderão desanimar os responsáveis, deixando os assinantes na pior.

Escrevo no GENTE GAY sob o pseudônimo de GATO PRETO (mais por apelido que por tentar me esconder) e sinto como a "classe" é volúvel inclusive em apoiar boas intenções. Todos querem ler GENTE GAY, mas poucos gostam de pagar e isto está onerando os colaboradores, tanto que o número de março ainda não saiu por que alguns estão desanimando, sem contar com os aborrecimentos e pressões diversas. O GENTE GAY é um jornal ainda em xerox e está cheio de problemas, calculo vocês que desejam ir para as bancas

Podem contar comigo, sinceramente, torço para o sucesso do jornal LAMPIÃO, mas aguardo o número zero para tomar uma decisão. Posso garantir que existem outras pessoas interessadas em ver o LAMPIÃO mesmo não sendo homossexuais, negros ou tendo problemas com vestibular. São amigos de trabalho que gostam de ler e comentar todos os assuntos que abordam principalmente a liberdade do indivíduo.

H.C.F.
Rio de Janeiro

Revertere

Senhores: os senhores obtiveram meu endereço não sei como e tomaram a liberdade de me oferecer números de um jornal. Declaro que não estou enteressado em tal jornal e peço o favor de não enviar nada mais para esses endereço: (etc., etc., etc...)

Júlio M.
Porto Alegre

CARTAS NA MESA

Apelo ao jovem guei

Paulo Bonorino
Canoas — RS

Não sei se já estás a par, meu irmão homossexual brasileiro, do que significa mesmo esta palavra com a qual já deves estar familiarizado de tanto ouví-la. "Gay" significa alegre, descontraído, etc... A "gay" os norte-americanos, opõe "straight", que significa: certo, correto, honesto.

Não aprecio a palavra guei aplicada às pessoas homossexuais simplesmente porque não podemos defini-las como alegres por natureza e essência. Não raro os homossexuais têm motivos de sobra, numa sociedade homófoba como a nossa, para estarem tristes, mas como muitos adotam habitualmente um comportamento artificial em conseqüência de discriminações mais ou menos veladas a que estão sujeitos, a palavrinha grudou mesmo. Também não vou com "straight" porque ser heterossexual não significa, como todos sabem, ser necessariamente honesto, moralmente sadio ou qualquer outra coisa assim. E ainda por que tudo isto visto de perto não passa de gíria americana e não sei até que ponto vamos admitir, se vamos, a americanização de nossa homofilia, que a meu ver deveria ser bem verde amarela mesmo. Espero não ter te confundido com a palavra homofilia que talvez não te seja tão familiar quanto guei e outras ainda. Emprego-a no sentido de definição do movimento de libertação do homossexual como tal, e não no sentido de definição da homossexualidade como expressão da personalidade total do indivíduo, como parecem querer André Baudry e Marc Daniel em "OS HOMOSSEXUAIS" (Ed. Artenova). Este é um papo interessante porque temos que nos entender um tanto sobre o sentido das palavras que empregamos, principalmente quando estas nos são novidades ainda.

Certamente já notaste que o pessoal mais vivido tem manifestado, apesar de todas as suas más qualidades inerentes a idade, quer sejam heteros ou homos, um certo espírito crítico e uma abertura para os valores comunitários que muitas vezes nos escapam a nós mais novos. Pois bem, é hora de tomarmos pulso da situação, não achas? É hora de a gente se acordar, dar-se conta de que o Brasil despertou e nós com ele, porque somos jovens num País jovem, porque não vamos querer ficar prá trás da gente guei das outras partes do mundo.

O que faremos para nos integrarmos ao movimento homofílico mundial?

Vamos refletir juntos, tu e eu, eu e tu. Pensemos então: o que faz o jovem homossexual brasileiro hoje quando se depara com sua singular condição é com a atitude dos demais para com pessoas como ele? Normalmente toma muitas atitudes que a longo ou médio prazo vem a prejudicá-lo, causando-lhe desequilíbrios emocionais, ciclotimias, complexos de inferioridade (existe uma moral para homossexuais, sabias?), a prostituição, a promiscuidade e a destruição de seus dons pessoais que em religião chamamos carismas. Perguntas o que são carismas. Carismas, entendo defini-los teologicamente muito bem, respondendo-te que são qualidades, capacidades naturais ou até sobrenaturais que Deus dá a um determinado indivíduo ou comunidade para que execute determinada tarefa que se faz necessária e urgente num dado momento da vida ou da História.

Vemos então que raramente ele toma a atitude que mais lhe convém. Mas qual seria esta atitude mais conveniente? Como cristão que sou tenho que responder-te em primeira linha que para qualquer pessoa, qualquer que seja sua orientação sexual, sua atitude perante esta vida terá que ser a de alguém cujo fim último é Deus mesmo, isto é, a de alguém que vive aqui como quem está por aqui de passagem mas não como quem pensa ficar aqui para sempre. Mas como pode ser que sejas ainda uma ovelha desgarrada vou responder-te que sua atitude terá que ser antes de tudo e indiscutivelmente a de alguém que se ama a si mesmo, é claro que não muito narcisisticamente, para que ao menos possamos defini-lo como pessoa psicologicamente equilibrada. Pois quem não se ama a ponto de se prostituir por exemplo, seja um homem ou uma mulher, está desiquilibrado e precisa de psicanálise e ajuda moral para recuperar sua identidade pessoal. Quem se ama a sim mesmo recusa-se a se autodestruir moral ou fisicamente, recusa-se a ceder a pressões sociais discriminatórias, reage e vence na medida do possível. O que esperamos com este jornal é tornar esta "medida do possível" bem mais ampla para muitos, querido amigo!

É integrando a comunidade homofílica brasileira que integraremos a comunidade homofílica universal!

Pelo turismo interno

Senhores: a idéia do LAMPIÃO é boa, mas não é nova. Tenho visto surgirem vários jornais desse tipo — mimeografados primeiro, agora até impressos — mas eles não duram muito, porque o público **gay**, ao que parece, não se interessa muito por eles. Uma boa idéia, na minha opinião, seria editar um guia brasileiro para entendidos, uma espécie de "guia quatro rodas" do nosso universo paralelo. Aí sim, muita gente ia querer comprar, para saber o que fazer em uma determinada cidade, em que locais ir com segurança, como agir, etc... Nem sempre as coisas são muito evidentes, como acontece no Rio e São Paulo. Há cidades maravilhosas para homossexuais, como Recife e Florianópolis, que precisam ser divulgadas. Eu, por exemplo, que viajo muito, já tive verdadeiras surpresas, como em Bagé, no Rio Grande do Sul, onde à noite as coisas são muito **quentes** e o povo bastante descontraído. Nos Estados Unidos, o **Gay Guide** é um verdadeiro **best-seller**. Por que não fazer o mesmo aqui? Um guia desse tipo estaria, além disso, muito de acordo com a política de promover o turismo interno. Ir à Europa ficou muito difícil com o depósito e, na Argentina, estão matando bicha a pauladas...

Carlos C.
São Paulo - Capital

Assine Lampeão e ganhe um brinde

(Os 50 primeiros leitores a enviarem o cupom abaixo receberão, gratuitamente, um exemplar de OS SOLTEIRÕES, de Gasparino Damata)

Desejo receber uma assinatura anual de LAMPIÃO, ao preço de Cr$ 160,00:

Nome ______________________

Endereço ______________________

____

CEP __________ Cidade __________ Estado __________

Envie um cheque ou vale postal, em nome de João Antônio de Souza Mascarenhas, para a Caixa Postal 41031 (Santa Teresa), Rio de Janeiro — RJ, CEP 20000

Aniversário

Era seu vigésimo-sétimo aniversário e quando cheguei em casa ele me pegou pelo braço e juntos descemos o elevador e, já na rua, entramos no seu carro e ele abraçou-me fortemente até que eu gritei sentindo doer os ossos, depois saímos para fora da cidade e, de repente, eu senti o grande dia, e ele continuava sorrindo e seu sorriso, como o meu, era triste, e o ar do campo era leve, e ele saiu do carro e apanhou flores e me deu I eu as mordi, cuspi, e minha saliva foi deixada para trás, e o carro corria, corria mais rápido, e ele ria delirantemente, e sua pele morena estava vermelha, e seu cabelo negro era um redemoinho, e minha camisa amarela estava amarrotada e ele sempre que podia em apertava os ombros, e éramos o vento, e não havia o mundo, e sua boca era grande e tinha aquele ricto de tristeza que também há na minha, e minha bermuda era curta e eu sentia o tecido áspero de sua farda contra minhas pernas, e ele parou o carro junto a uma árvore, e suspendeu-me nos braços e rodou-me no ar e beijou-me todo, e colocou-me delicadamente no capim molhado de orvalho e fez-me cócegas, e virei-me de bruços, e estava exausto.

Depois comemos, e ele me deu a comida na boca, e o gosto do pão com manteiga estava por toda a minha boca, e ele lavou minhas mãos e minha boca, e o sol já quase sumindo no horizonte cegou-me, e ele foi para trás de uma árvore, e gritamos nossos nomes alto, e o eco repetiu nossos nomes, e corremos, e ele estava vermelho, e ele virou cambalhotas no capim, e cairam objetos do bolso de sua farda, e seu cabelo estava cheio de palha, e eu estava como narcotizado, e senti que eu era o capim, às árvores, o sol sumindo, e senti que era suas longas pernas e seus braços morenos e fortes, e senti que era sua boca, seus dentes, sua língua, e meu coração era o seu coração, e quis lhe perguntar por sua amante e o seu filhinho e o bolo cremoso que ela fizera e o estava esperando, e pensando melhor cheguei à conclusão de que devia ficar calado, e ele estava totalmente feliz, e senti que era o capim, às árvores, o sol sumindo, e senti que era suas longas pernas e seus braços morenos e fortes, e senti que era sua boca, seus dentes, sua língua, e que meu coração era o seu coração.

Voltamos, e centenas de luzes estavam acesas como vagalumes nas pequenas casas, e minha cabeça repousava contra o seu peito, e o cheiro de sua camisa e de seu corpo entrava pelas minhas narinas, e eu estava caindo de sono, e ele acariciava os meus excassos cabelos, e estávamos em silêncio, e ele tinha aquele ar triste no rosto que também há no meu, e estava escuro, e havia uma grande lua, e havia estrelas, e meu corpo balançava com o movimento do carro, e ele o fazia correr mais e mais, e ele me olhava nos olhos, e eu olhava nos olhos dele, e eu não sabia quem era quem, e nunca desejei que houvéssemos de chegar apesar de sentir um pouco de medo por causa daquela corrida louca, mas chegamos e ele parou na casa da sua amante e havia um enorme bolo cremoso, e a mulher, e a criança chorando e ele não ligava, e ele gritava, a criança gritava e ela continuava em silêncio, e a criança continuava gritando e ela não ligava, e eu olhei para ele, e ele havia esquecido de mim, e estava tentando desesperadamente fazê-la falar mas ela não falava, e eu continuava sentado e olhava para a sua amante, e ela ainda estava deitada, silenciosa, e eu julgava que havia morrido, aproximei-me e ela estava respirando, e ele apareceu pálido e com os olhos cheios de ódio, e tentou novamente fazê-la falar mas ela não falava, e eu continuava sentado e olhava, mas ele nem sequer, ele estava chorando mas ela não respondia, e as lágrimas escorriam pelo seu rosto mas ela não se movia, e ele soltou um grito, e gritou, gritou palavrões.

E me pegou pela mão e saímos correndo para fora de casa, e ele rodeou a casa várias vezes, pelo jardim e pelo quintal, e apertava-me contra seus ombros, e eu me achei chorando, e ele respirou fundo, e sua pele morena estava vermelha, e ele encostou-se numa árvore do quintal e apertou-me tão fortemente que senti meus olhos doerem, as estrelas estavam lá em cima por toda a parte, e a árvore erguia-se como uma flama, e o cheiro de jasmim embriagava, e ele tropeçou num velocípede e o chachorro latiu três vezes dentro da casa de madeira, e ele tirou uma laranja da árvore e apanhou um faca no bolso e descascou-a, e ele a comeu junto comigo, e estava escuro, e todas as casas estavam com suas luzes apagadas, e havia uma neblina, e estávamos sentados num banco na casa, e ele me levou no quarto principal e tirou do armário um revólver, e disse que ia matar-me, e disse que a culpa de a amante estar de birra era minha, e que talvez ela já soubesse de tudo, e que nossa amizade era impossível, e que tinha o filhinho, e abriu a porta me empurrando, e disse que eu me fose, e disse que não, não ia me matar, e pediu novamente que eu me fosse, e não cumpriu sua promessa e deixou-me para sempre agonizante como mosca nadando em óleo, seria preciso sempre completar qualquer tarefa iniciada, ele me deixou no meio do caminho, no meio, no meio.

Moacir de Moura